



*Antologia poética de*  
**Gonzalo Rojas**

---

Tradução de Eric Nepomuceno



*Antología poética de*  
**Gonzalo Rojas**



**Universidade de Brasília**

**Reitora** : Márcia Abrahão Moura  
**Vice-Reitor** : Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora** : Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial** : Germana Henriques Pereira  
: Fernando César Lima Leite  
: Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende  
: Carlos José Souza de Alvarenga  
: Estevão Chaves de Rezende Martins  
: Flávia Millena Biroli Tokarski  
: Izabela Costa Brochado  
: Jorge Madeira Nogueira  
: Maria Lidia Bueno Fernandes  
: Rafael Sanzio Araújo dos Anjos  
: Verônica Moreira Amado

### **Embaixada do Chile no Brasil**

: Jaime Gazmuri Mujica  
: Carlos Cristián Oschilewski Lucares

---



---

*Antologia poética de*  
**Gonzalo Rojas**

---

Tradução de Eric Nepomuceno



**Equipe editorial**

**Coordenação** : Carlos Cristián Oschilewski Lucares  
**Seleção dos poemas** : Rodrigo Rojas Mackenzie – Fundación de Estudios Iberoamericanos  
: Gonzalo Rojas

**Preparação e revisão** : Ana Alethéa Osório e Denise Pimenta de Oliveira  
**Fotografias** : Fundación de Estudios Iberoamericanos Gonzalo Rojas  
**Projeto gráfico e diagramação** : Marina Dourado L. Cunha

:  
: © 2018 Editora Universidade de Brasília

:  
: Direitos exclusivos para esta edição:  
: Editora Universidade de Brasília  
: SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,  
: 2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF  
: Telefone: (61) 3035-4200  
: Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
: E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

:  
: Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá  
: ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização  
: por escrito da Editora.

:  
: A publicação desta obra foi possível graças ao apoio da Divisão de  
: Assuntos Culturais do Ministério das Relações Exteriores do Chile e  
: à contribuição das empresas chilenas presentes no Brasil: Arauco do  
: Brasil S.A., CMPC Celulose Riograndense Ltda., Andina Brasil, Sonda IT,  
: Panimex Brasil e Hapag Lloyd Brasil.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

---

R741            Rojas Pizarro, Gonzalo.  
                  Antologia poética de Gonzalo Rojas / Eric Nepomuceno,  
                  tradução. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2018.  
                  200 p. ; 20 cm.

ISBN 978-85-230-1219-9.

1. Poesia chilena. 2. Antologia poética – Chile. I. Título.

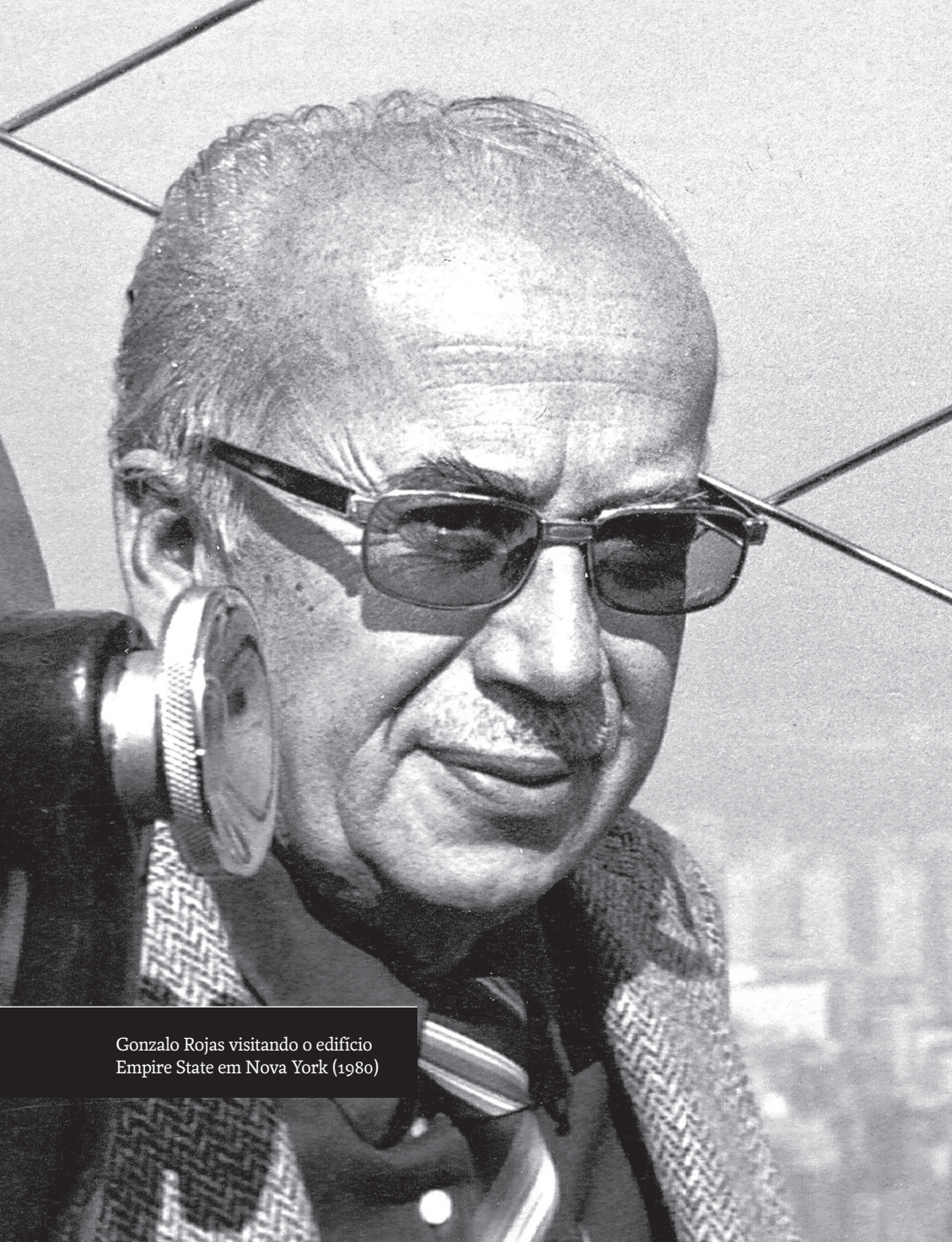
CDU 821.134.2(83)

---



Obra editada no âmbito do Programa ILAN de Apoio à Tradução,  
da Divisão de Assuntos Culturais do Ministério das Relações  
Exteriores do Chile, por ocasião das comemorações do Centenário  
do Nascimento de Gonzalo Rojas.

*Obra editada en el marco del Programa ILAN de Apoyo a la Traducción,  
de la Dirección de Asuntos Culturales del Ministerio de Relaciones  
Exteriores de Chile, con ocasión de la conmemoración del Centenario del  
Nacimiento de Gonzalo Rojas.*



Gonzalo Rojas visitando o edifício  
Empire State em Nova York (1980)

## SUMÁRIO

- 15 Apresentação
- 17 Prefácio – Ana Pizarro  
*De repente*
- Al silencio*
- 25 Ao silêncio
- Oscuridad hermosa*
- 27 Formosa escuridão
- ¿Qué se ama cuando se ama?*
- 29 O que se ama quando se ama?
- Acorde clásico*
- 31 Acorde clássico
- Rimbaud*
- 33 Rimbaud
- En cuanto a la imaginación de las piedras*
- 35 Com relação à imaginação das pedras
- El alumbrado*
- 37 O iluminado



*Orquídea en el gentío*

41 Orquídea na multidão

*Guardo en casa con llave*

43 Guardo em casa trancadas à chave

*Rapto con precipicio*

47 Rapto com precipício

*Los verdaderos poetas son de repente*

51 Os verdadeiros poetas são de repente

*La palabra placer*

53 A palavra prazer

*Carta a Huidobro*

57 Carta a Huidobro

*Diálogo con Ovidio*

61 Diálogo com Ovídio

*Cama con espejos*

67 Cama com espelhos

*Gato negro a la vista*

69 Gato negro à vista

*Enigma de la deseosa*

71 Enigma de la deseosa

*Carbón*

73 Carvão

*Contra la muerte*

77 Contra a morte

*Ningunos*

81 nenhuns

*El sol es la única semilla*

83 O sol é a única semente

*Latín y jazz*

89 Latim e o jazz

*La salvación*

91 A salvação

*La piedra*

95 A pedra

*Perdí mi juventud*

99 Perdi minha juventude

*Asma es amor*

105 Asma é amor

*Qedeshím Qedeshóth*

109 Qedeshím Qedeshóth

*El helicóptero*

115 O helicóptero

*Fax con ventolera*

117 Fax com cata-vento

*Desde abajo*

119 Lá de baixo

*Domicilio en el Báltico*

121 Domicílio no Báltico

*Concierto*

123 Concerto

*Las sílabas*

127 As sílabas

*Ochenta veces nadie*

129 Oitenta vezes ninguém

*De qué más se te acusa Gonzalo Rojas*

135 De que mais você é acusado, Gonzalo Rojas

*A veces pienso quién*

139 Às vezes penso quem

*Réquiem de la mariposa*

141 Réquiem da borboleta

*Al fondo de todo esto duerme un caballo*

143 Ao fundo de tudo isto dorme um cavalo

*Adiós a John Lennon*

145 Adeus a John Lennon

*Flash*

147 Flash

*Victrola vieja*

149 Vitrola velha

*Uno escribe en el viento*

153 Escrevo no vento

*Tres rosas amarillas*

157 Três rosas amarelas

*Tabla de aire*

159 Madeira de ar

*Éxtasis del zapato*

161 Êxtase do sapato

*Ejercicio respiratorio*

163 Exercício respiratório

*No le copien a Pound*

165 Não copiem Pound

*Por Vallejo*

169 Por Vallejo

*Una vez el azar se llamó Jorge Cáceres*

171 Uma vez o acaso se chamou Jorge Cáceres

*La palabra*

173 A palavra

*Memoria de Joan Crawford*

175 Memória de Joan Crawford

*e-mail para violín*

177 e-mail para violino

*Costillas, rejas del corazón*

179 Costelas, grades do coração

*Desocupado lector*

181 Desocupado leitor

*Para órgano*

185 Para órgão

189 Poemas manuscritos

197 Posfácio – Eric Nepomuceno

*Traduzindo um mestre de mestres, dom Gonzalo Rojas*



Gonzalo Rojas com  
sua mãe Celia (1923)



Gonzalo Rojas, estudante  
universitário em Santiago (1937)

## APRESENTAÇÃO

Comemoram-se cem anos do natalício do poeta e professor chileno Gonzalo Rojas (1916-2011) e a Embaixada do Chile no Brasil quis prestar a ele uma justa homenagem por meio da publicação em língua portuguesa desta *Antologia Poética*. Com textos especialmente selecionados pela Fundação de Estudos Ibero-americanos Gonzalo Rojas para esta edição comemorativa bilíngue, o leitor poderá conhecer o mundo fascinante desse expoente da chamada *Generación del 38* no Chile, vencedor do Prêmio Nacional de Literatura do Chile em 1992, do Prêmio Rainha Sofia de Poesia Ibero-americana 1992 e do Prêmio Cervantes 2003, cuja obra literária o eleva ao templo onde habitam os grandes da poesia hispano-americana do século XX.

Graças ao decidido apoio da Editora Universidade de Brasília, tenho o orgulho de apresentar esse esforço binacional cujo propósito é divulgar no Brasil os representantes mais importantes da literatura chilena. Essa parceria, inaugurada junto à Universidade de Brasília, nos permitirá explorar as enormes possibilidades de trabalhar em conjunto pelo conhecimento mútuo no âmbito da cultura.

Assim mesmo, durante o processo editorial, tivemos a honra de contar com o labor de tradução do destacado escritor e jornalista brasileiro Eric Nepomuceno, que aceitou o desafio de trasladar o sentido das palavras de Rojas à língua portuguesa. Também contamos com a valiosa contribuição da professora chilena Ana Pizarro, pesquisadora e grande conhecedora da vida e obra de Gonzalo Rojas, autora do prefácio da presente edição.

Esta *Antologia* contém poemas que abrangem diversas etapas da produção de Gonzalo Rojas ao longo de sua fecunda carreira. Figura distinta da vanguarda literária latino-americana, participou de agrupamentos surrealistas



como *La Mandrágora* em 1938 e teve a sua criação poética alimentada pelas viagens ao longo do Chile, resultado do contato com as paisagens e a realidade de milhares de trabalhadores chilenos.

Gonzalo Rojas organizou os célebres Encontros de Escritores do Chile e da América, nos quais teve a oportunidade de estabelecer vínculos com diversos autores nacionais e estrangeiros. Por isso, o ano de 1962 representou um marco em seu relacionamento com a intelectualidade do continente, sobretudo durante a realização da VIII Escola Internacional de Verão da Universidade de Concepción (realizada na cidade de Concepción). Como diretor do evento, conseguiu reunir em um só lugar as mais importantes personalidades da literatura latino-americana da época, tais como Carlos Fuentes, Alejo Carpentier, Pablo Neruda, Mario Benedetti, José María Arguedas, entre outros. No caso do Brasil, iniciou-se a amizade com o poeta amazonense Thiago de Melo; o grande arquiteto Oscar Niemeyer, não podendo comparecer ao evento, enviou uma saudação gravada em áudio. Por sua vez, seus fortes laços com a capital da região do Bío-Bío o tornaram vice-reitor da Universidade de Concepción.

Posteriormente, vieram os compromissos políticos assumidos durante o governo do presidente Salvador Allende, como conselheiro cultural na China (1970-1972) e como representante do Chile em Cuba (1972-1973). Após um longo exílio na Alemanha e na Venezuela, voltou à sua pátria definitivamente em 1994 e, na cidade de Chillán, onde fixou residência, sua pluma nos legou obras inesquecíveis, tais como *Ócio Sagrado*, *Inconcluso* e *Con arrimo y sin arrimo*. Essa homenagem no Brasil à sua memória e obra busca aproximar o público brasileiro dessa figura ilustre das letras chilenas.

*Jaime Gazmuri Mujica*  
Embaixador do Chile no Brasil  
Dezembro de 2017

## PREFÁCIO

### De repente

*Ana Pizarro*<sup>1</sup>

Gonzalo Rojas foi meu professor na Universidade de Concepción nos gloriosos anos 1960. Digo gloriosos, internacionalmente falando, porém também pelo que estava acontecendo naquela Universidade do sul do Chile. Tratou-se de um momento de glória na extensão universitária dirigida por ele mesmo. Organizou os primeiros encontros latino-americanos de escritores e nós, jovens de uma província do sul do mundo, tínhamos a sensação de estar participando das grandes discussões culturais do continente num momento privilegiado: ali estiveram Sábato, Carpentier, Carlos Fuentes, chegando direto a Concepción, onde já tinham estado Marta Traba e Ángel Rama; tínhamos experimentado a magia de Nicolás Guillén. Aqueles dias foram definitivos para nós. Estávamos tranquilos em nossa vida paroquiana e, de repente, Gonzalo nos tirou da província e nos fez sentir; nos jogou no universo. Ele nos leu os gregos, nos arrojou frases em latim que nos deixavam perplexos e sob uma sensação de viver numa esfera diferente, numinosa. Nos entregou conceitos duros em alemão,

---

<sup>1</sup> Ana Pizarro é professora de língua francesa na Universidade do Chile (1964) e doutora em Letras pela Universidade de Paris (1968). Crítica literária, atualmente é docente do Centro de Estudos Avançados da Universidade de Santiago do Chile. Grande conhecedora da obra de Vicente Huidobro, Gabriela Mistral e Gonzalo Rojas, suas pesquisas sobre a literatura e a cultura na América Latina a levaram até a região amazônica, cujo projeto de pesquisa “Perfil cultural da área amazônica” foi agraciado com a prestigiosa bolsa Guggenheim em 2002.

*Weltanschauung* – gostava de pronunciar-lo, pois admirava aquele idioma –, e nos disse que sempre tínhamos que nos comparar com os grandes. Naquele momento de juventude, foi um impulso fundamental, aprendi a humildade depois.

Creio que com ele descobri a sensação de pertencer a um espaço maior que o do Bío-Bío, aquele rio sigiloso que amávamos tanto, e que foi chamado assim pelos índios – me disse – pelo ruído que o vento faz pelas tardes sobre a superfície da água. Não conheço a etimologia, mas *se non è vero è ben trovato*. Para ele, a poesia e a vida eram uma só coisa, e a gente aceitava.

Gonzalo foi meu mestre; no exílio, para onde nos levou a ditadura, foi meu colega; no retorno ao Chile, meu amigo-mestre, numa amizade respeitosa e sempre enriquecedora. Não posso ler a sua poesia senão no marco dessa anotação biográfica, pois a sua poesia me remete necessariamente àqueles espaços vivenciados.

Como situar Gonzalo Rojas no marco de referência da poesia chilena e latino-americana? Necessariamente na linha daquelas vozes que marcaram a história desse gênero no Chile: Neruda, Mistral, Huidobro. Rojas pertence à geração seguinte e, se há linhas de continuidade, elas remetem a Huidobro e Mistral. Sua poesia, como já afirmamos, estabelece esta permanência: com Huidobro, a superação da vanguarda experimental; com Mistral, o relacionamento com a tectônica, a exploração das possibilidades da linguagem. Foi ele mesmo quem afirmou: o movimento *Mandrágora*, uma versão do surrealismo no Chile, lhe parece muito “literatoso”; foge dele, no entanto, empapado pela liberdade de linguagem – herança das vanguardas –, se submergindo no mundo das minas de cobre do norte do Chile, na linguagem popular, onde ensinara os operários a ler. Oriundo do sul, imbuído pelo trabalho de seu pai nas minas de carvão, instalou-se em sua visão de mundo uma profunda vinculação com a tectônica, com aquilo que é próprio do país das cordilheiras, com a pedra, a matéria mineral, com “o mais genital do terrestre” de que falara Neruda. Mas não é Neruda a sua referência, apesar de seu impacto nas gerações seguintes e pelo menos até os anos 80 do século XX. Os seus referentes são Huidobro e Mistral no Chile, os poetas e pensadores gregos, Pound, Hölderlin, Apollinaire, Aragon, Vallejo, dentre outros.

A poesia de Rojas possui um parentesco, na América Latina, com a plástica, com aqueles artistas que propuseram na América Latina uma visão com novos olhos. Os movimentos europeus lhes deram ferramentas que não se adequavam à heterogênea materialidade latino-americana. Eles as utilizaram para examiná-la com uma lente diferente, e a partir de então surgiram novas realidades que hoje constituem a cultura do continente. Ali estão as criações de Lam, Matta, Tamayo, Berni. Trata-se do tipo de operação estética perceptível na poesia de Rojas: sem estridências experimentais, ligada a um território e a uma história concretos, superados em sua materialidade a partir da palavra como gesto genésico.

Essa palavra fala por si mesma de uma matéria natural, bruta, num impulso à procura de fundamentos. Eis a natureza epistêmica de sua expressão:

Quando abro nos objetos a porta de mim mesmo:  
Quem me rouba o sangue, o que é meu, o real?  
Quem me arroja ao vazio  
quando respiro? Quem  
é o meu verdugo dentro de mim mesmo?

Logo, existe aqui uma visão, a qual se expressa em linhas temáticas. As principais se situam numa palavra erótica, que se desenvolve ao longo de toda sua poesia e remete permanentemente a Ovídio numa convivência com elementos de sua própria atualidade: em determinado momento é o “Fax sobre el asombro”, ou uma carta que escreve a Huidobro pelos seus cem anos; em outro, o *rock*, a informática, passando por Baudelaire, Pound ou Rimbaud, mas também sua caminhada ubíqua que vai desde Pequim a Chillán no Chile, do Tâmis a Caracas ou Buenos Aires. Contração de um tempo-espaço poético de raiz própria.

Há por outro lado uma linha política que se relaciona com suas experiências juvenis e em que a evidência das inequidades é uma presença que assume diferentes rostos. Porém, há uma posição diante do presente, uma opção, que é a dos anos 1960 e 1970 no Chile e na América Latina, em que emergem textos

maiores, como aqueles alusivos à morte do Che ou “Cifrado em outubro”, tocante à morte de Miguel Enríquez no Chile. Poesia não militante, muito longe do panfleto, poesia de caráter político.

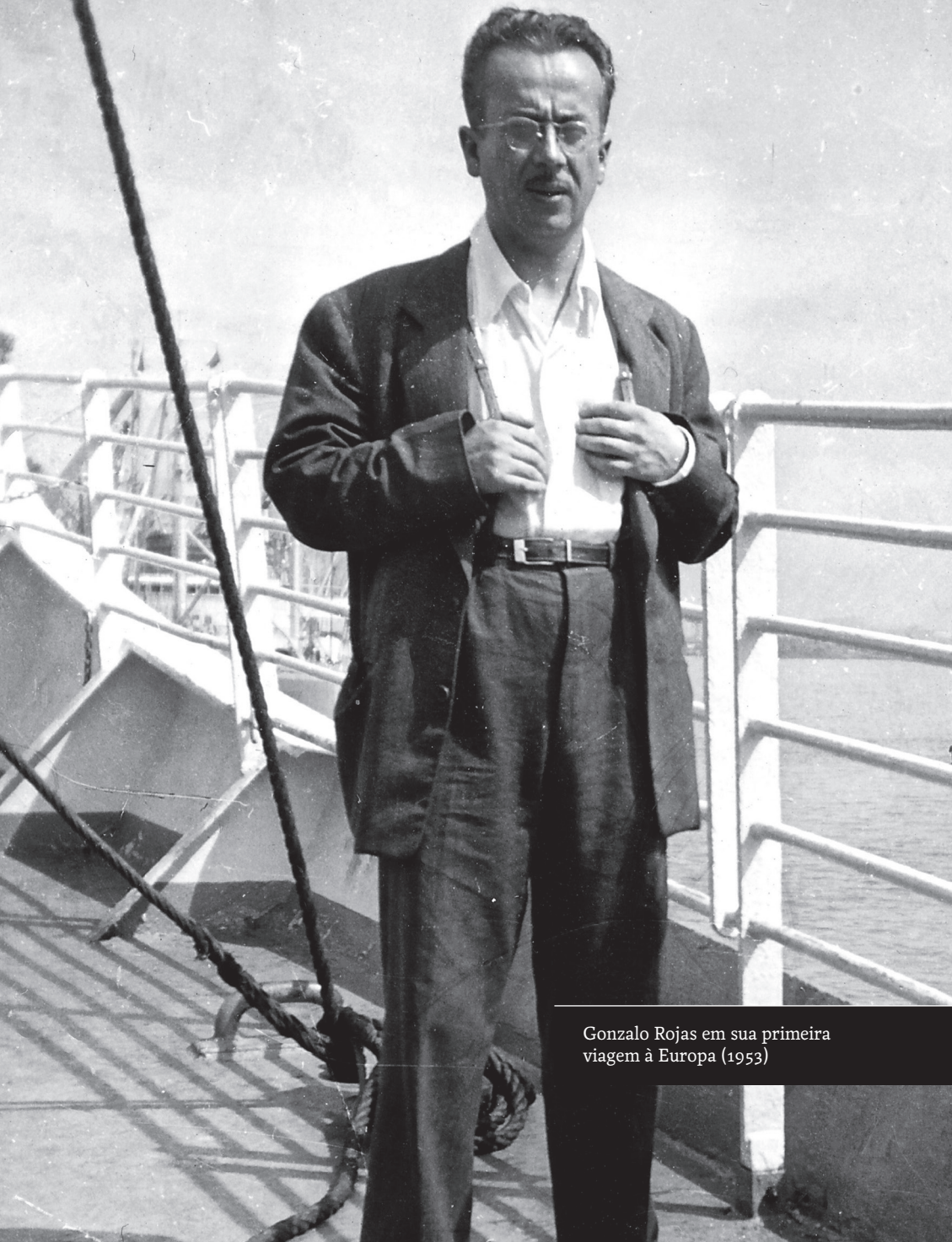
Há também uma linha que une memória e futuro, a do vaticínio, a do poeta-profeta, a do vidente, a da circularidade do nascimento e da morte, já que – como sempre dizia – não somos senão um feixe de luz, arrancado do nada:

Até onde a vista alcança Jesus Cristo não virá na data, pássaros  
de alumínio invisível substituirão os aviões, já no fim  
do XXI prevalecerá o instantâneo, não seremos  
testemunhas das mudanças, dormiremos  
progenitores no pó com nossas mães  
que nos fizeram mortais, dali  
celebraremos o projeto de durar, parar o sol,  
ser – como os divinos – de repente.<sup>2</sup>

A leitura da poesia de Gonzalo Rojas é uma experiência maior que nos vincula com o sagrado e o demoníaco do ser humano, que nos interroga sobre a origem e o futuro, sobre a imanência e o movimento, sobre o trajeto e sobre o instante. Uma experiência maior, assim, de repente.

---

<sup>2</sup> Trecho do poema "Carta a Huidobro" (p. 57; 59 desta obra).



Gonzalo Rojas em sua primeira  
viagem à Europa (1953)

George L. Briggs  
Pablo Neruda  
Hudson  
Briggs  
Neruda



Not





Gonzalo Rojas em aula na Universidade de Provo, Utah, EUA (1993)



**Al silencio**

Oh voz, única voz: todo el hueco del mar,  
todo el hueco del mar no bastaría,  
todo el hueco del cielo,  
toda la cavidad de la hermosura  
no bastaría para contenerte,  
y aunque el hombre callara y este mundo se hundiera,  
oh majestad, tú nunca,  
tú nunca cesarías de estar en todas partes,  
porque te sobra el tiempo y el ser, única voz,  
porque estás y no estás, y casi eres mi Dios,  
y casi eres mi padre cuando estoy más oscuro.

## **Ao silêncio**

Oh voz, única voz: o vazio inteiro do mar,  
o vazio inteiro do mar não bastaria,  
o vazio inteiro do céu,  
toda cavidade da formosura  
não bastariam para te conter,  
e mesmo que o homem calasse e este mundo afundasse,  
oh majestade, tu nunca,  
tu nunca cessarias de estar em todas as partes,  
porque te sobra o tempo e o ser, única voz,  
porque estás e não estás, e és quase meu Deus,  
e quase és meu pai quando estou mais escuro.

**Oscuridad hermosa**

Anoche te he tocado y te he sentido  
sin que mi mano huyera más allá de mi mano,  
sin que mi cuerpo huyera, ni mi oído:  
de un modo casi humano  
te he sentido.

Palpitante,  
no sé si como sangre o como nube  
errante,  
por mi casa, en puntillas, oscuridad que sube,  
oscuridad que baja, corriste, centelleante.

Corriste por mi casa de madera  
sus ventanas abriste  
y te sentí latir la noche entera,  
hija de los abismos, silenciosa,  
guerrera, tan terrible, tan hermosa  
que todo cuanto existe,  
para mí, sin tu llama, no existiera.

## **Formosa escuridão**

Ontem à noite eu te toquei e te senti  
sem que minha mão fugisse para longe da minha mão,  
sem que meu corpo fugisse, nem meu ouvido:  
de um modo quase humano  
te senti.

Palpitante,  
não sei se como sangue ou como nuvem  
errante,  
pela minha casa, nas pontas dos pés, escuridão que sobe,  
escuridão que desce, correte, cintilante.

Correste pela minha casa de madeira  
abriste suas janelas  
e te senti latejar a noite inteira,  
filha dos abismos, silenciosa,  
guerreira, tão terrível, tão formosa  
que tudo que existe,  
para mim, sem tua chama, não existiria.

### **¿Qué se ama cuando se ama?**

¿Qué se ama cuando se ama, mi Dios: la luz terrible de la vida  
o la luz de la muerte? ¿Qué se busca, qué se halla, qué  
es eso: amor? ¿Quién es? ¿La mujer con su hondura, sus rosas, sus volcanes,  
o este sol colorado que es mi sangre furiosa  
cuando entro en ella hasta las últimas raíces?

¿O todo es un gran juego, Dios mío, y no hay mujer  
ni hay hombre sino un solo cuerpo: el tuyo,  
repartido en estrellas de hermosura, en partículas fugaces  
de eternidad visible?

Me muero en esto, oh Dios, en esta guerra  
de ir y venir entre ellas por las calles, de no poder amar  
trescientas a la vez, porque estoy condenado siempre a una,  
a esa una, a esa única que me diste en el viejo paraíso.

## **O que se ama quando se ama?**

O que se ama quando se ama, meu Deus: a luz terrível da vida  
ou a luz da morte? O que se procura, o que se acha, o  
que é isso: amor? Quem é? A mulher com sua profundidade, suas rosas, seus vulcões,  
ou este sol rubro que é meu sangue furioso  
quando entro nela até as últimas raízes?

Ou tudo é um grande jogo, Deus meu, e não há mulher  
nem há homem mas um só corpo: o teu,  
repartido em estrelas de beleza, em partículas fugazes  
de eternidade visível?

Eu morro nisto, oh Deus, nesta guerra  
de ir e vir entre elas pelas ruas, de não poder amar  
trezentas ao mesmo tempo, porque estou sempre condenado a uma,  
a essa uma, a essa única que me deste no velho paraíso.

**Acorde clásico**

Nace de nadie el ritmo, lo echan desnudo y llorando  
como el mar, lo mecen las estrellas, se adelgaza  
para pasar por el latido precioso  
de la sangre, fluye, fulgura  
en el mármol de las muchachas, sube  
en la majestad de los templos, arde en el número  
aciago de las agujas, dice noviembre  
detrás de las cortinas, parpadea  
en esta página.

## **Acorde clássico**

Nasce de ninguém o ritmo, é posto nu e chorando  
como o mar, é embalado pelas estrelas, emagrece  
para passar pelo latejar precioso  
do sangue, flui, fulgura  
no mármore das moças, sobe  
na majestade dos templos, arde no número  
aziago das agulhas, diz novembro  
por trás das cortinas, pestaneja  
nesta página.



**Rimbaud**

No tenemos talento, es que  
no tenemos talento, lo que nos pasa  
es que no tenemos talento, a lo sumo  
oímos voces, eso es lo que oímos: un  
centelleo, un parpadeo y ahí mismo voces. Teresa  
oyó voces, el loco  
que vi ayer en el Metro oyó voces.

¿Cuál Metro si aquí no hay Metro? Nunca  
hubo aquí Metro, lo que hubo  
fueron al galope caballos  
si es que eso, si es que en este cuarto  
de tres por tres hubo alguna vez caballos  
en el espejo.

Pero somos precoces, eso sí que somos, muy  
precoces, más  
que Rimbaud a nuestra edad; ¿más?,  
¿todavía más que ese hijo de madre que  
lo perdió todo en la apuesta? Viniera y  
nos viera así todos sucios, estallados  
en nuestro átomo mísero, viejos  
de inmundicia y gloria. Un  
puntapié nos diera en el hocico.

## **Rimbaud**

Não temos talento, é que  
não temos talento, o que nos acontece  
é que não temos talento, no máximo  
ouvimos vozes, isso é o que ouvimos: um  
cintilar, um pestanejar e aí mesmo vozes. Teresa  
ouviu vozes, o louco  
que ontem vi no metrô ouviu vozes.

Qual metrô se aqui não há metrô? Nunca  
houve metrô aqui, o que houve  
foram cavalos a galope  
se é que isso, se é que neste quarto  
de três por três houve alguma vez cavalos  
no espelho.

Mas somos precoces, isso sim somos, muito  
precoces, mais  
que Rimbaud na nossa idade; mais?  
mais ainda que esse filho da mãe que  
perdeu tudo nas apostas? Viesse e  
nos visse assim todos sujos, estalados  
em nosso átomo mísero, velhos  
de imundice e glória. Um  
pontapé teria dado em nossas fuças.

## **En cuanto a la imaginación de las piedras**

En cuanto a la imaginación de las piedras casi todo lo de carácter copioso es poco fidedigno:

de lejos sin discusión su preñez animal es otra,  
coetáneas de las altísimas no vienen de las estrellas,  
su naturaleza no es alquímica sino música,  
pocas son palomas, casi todas son bailarinas, de ahí su encanto;  
por desfiguradas o selladas, su majestad es la única que comunica con la Figura,  
pese a su fijeza no son andróginas,  
respiran por pulmones y antes de ser lo que son fueron máquinas de aire,  
consta en libros que entre ellas no hay Himalayas,  
ni rameras,  
no usan manto y su único vestido es el desollamiento,  
son más mar que el mar y han llorado,  
aun las más enormes vuelan de noche en todas direcciones y no enloquecen,  
son ciegas de nacimiento y ven a Dios,  
la ventilación es su substancia,  
no han leído a Wittgenstein pero saben que se equivoca,  
no entierran a sus muertos,  
la originalidad en materia de rosas les da asco,  
no creen en la inspiración ni comen luciérnagas,  
ni en la farsa del humor,  
les gusta la poesía con tal que no suene,  
no entran en comercio con los aplausos,  
cumplen 70 años cada segundo y se ríen de los peces,  
lo de los niños en probetas las hace bostezar,  
los ejércitos gloriosos les parecen miserables,  
odian los aforismos y el derramamiento,  
son geómetras y en las orejas llevan aros de platino,  
viven del ocio sagrado.

### Com relação à imaginação das pedras

Com relação à imaginação das pedras quase tudo de caráter copioso é pouco fidedigno:

de longe sem discussão sua prenhez animal é outra,  
coetâneas das altíssimas não vêm das estrelas,  
sua natureza não é alquímica mas música,  
poucas são pombas, quase todas são bailarinas, daí o seu encanto;  
por desfiguradas ou carimbadas, sua majestade é a única que comunica com a Figura,  
apesar de sua persistência não são andróginas,  
respiram por pulmões e antes de ser o que são foram máquinas de ar,  
consta nos livros que entre elas não há Himalaias,  
nem meretrizes,  
não usam manto e seu único vestido é a peladura,  
são mais mar que o mar e choraram,  
mesmo as mais enormes voam de noite em todas as direções e não enlouquecem,  
são cegas de nascimento e veem Deus,  
a ventilação é a sua substância,  
não leram Wittgenstein mas sabem que ele se engana,  
não enterram seus mortos,  
a originalidade em matéria de rosas lhes dá asco,  
não acreditam na inspiração nem comem pirilampos,  
nem na farsa do humor,  
gostam da poesia desde que não soe,  
não negociam com os aplausos,  
cumprem 70 anos a cada segundo e riem dos peixes,  
essa questão dos bebês de proveta faz com que bocejem,  
os exércitos gloriosos lhes parecem miseráveis,  
odeiam os aforismos e o derramamento,  
são geômetras e nas orelhas usam brincos de platina,  
vivem do ócio sagrado.

## **El alumbrado**

Acostumbra el hombre hablar con su cuerpo, ojear  
su ojo, orejear diamantino  
su oreja, naricear  
cartílago adentro el plazo de su  
aire, y así ojeando orejeando la  
no persona que anda en el crecimiento  
de sus días últimos, acostumbra  
callar.

A la cerrazón sigue el diálogo con las abejas  
para espantar la vejez; las convoca,  
las inventa si no están, les dice palabras que no figuran,  
las desafía a ser ocio;  
ocio para ser, insiste convincente. Las otras  
lo miran.

Después viene el párrafo de airear el sepulcro y  
recurrir a la experiencia limítrofe del cajón. Se mete en el cajón,  
cierra bien la tapa de vidrio.  
Sueña que tiene 23 y va entrando en la rueda de las encarnaciones.  
¿Por qué 23? La aguja de imantar no dice el número.  
Sueña que es cuarzo, de un lila casi transparente.

## **O iluminado**

O homem costuma falar com seu corpo, passar os olhos  
pelo seu olho, orelhar diamantino  
sua orelha, narizar  
cartilagem adentro o prazo do seu  
ar, e assim passando os olhos orelhando a  
não pessoa que anda no crescimento  
de seus dias últimos, costuma  
calar.

No nevoeiro continua o diálogo com as abelhas  
para espantar a velhice; convoca as abelhas,  
as inventa quando elas não estão, diz a elas palavras que não existem,  
desafia as abelhas a serem ócio;  
ócio para ser, insiste convincente. As outras  
olham para ele.

Depois vem o parágrafo de arejar o sepulcro e  
recorre à experiência limítrofe do caixão. Entra no caixão,  
fecha bem a tampa de vidro.  
Sonha que tem 23 e vai entrando na roda das encarnações.  
Por que 23? A agulha de imantar não diz o número.  
Sonha que é quartzo, de um lilás quase transparente.

Lo cierto es que llueve. Pensamiento o  
liturgia, lo cierto es que llueve. Gaviotas  
milenarias de agua amniótica  
es lo que llueve. Sale entonces la oreja  
de adentro de su oreja, la nariz  
de su nariz, el ojo  
de su ojo: sale el hombre de su hombre.  
Se oye uno en él hablar.

A verdade é que chove. Pensamento ou  
liturgia, a verdade é que chove. Gaivotas  
milenárias de água amniótica  
é o que chove. Sai então a orelha  
de dentro da sua orelha, o nariz  
de seu nariz, o olho  
de seu olho: sai o homem de seu homem.  
Eu me ouço na sua fala.



**Orquídea en el gentío**

Bonito el color del pelo de esta señorita, bonito el olor  
a abeja de su zumbido, bonita la calle,  
bonitos los pies de lujo bajo los dos  
zapatos áureos, bonito el maquillaje  
de las pestañas a las uñas, lo fluvial  
de sus arterias espléndidas, bonita la physis  
y la metaphysis de la ondulación, bonito el metro  
setenta de la armazón, bonito el pacto  
entre hueso y piel, bonito el volumen  
de la madre que la urdió flexible y la  
durmió esos nueve meses, bonito el ocio  
animal que anda en ella.

## **Orquídea na multidão**

Bonita a cor do cabelo desta senhorita, bonito o cheiro  
de abelha do seu zumbido, bonita a rua,  
bonitos os pés de luxo em dois  
sapatos áureos, bonita a maquiagem  
das pestanas e das unhas, o fluvial  
de suas artérias esplêndidas, bonita a physis  
e a metaphysis da sua ondulação, bonito o metro  
e setenta da armação, bonito o pacto  
entre osso e pele, bonito o volume  
da mãe que a urdiu flexível e a  
adormeceu naqueles nove meses, bonito o ócio  
animal que nela anda.

## Guardo en casa con llave

Guardo en casa con llave a las dos serpientes  
dinásticas en  
trinche aparte: *Prorsa* (así le puso Stendhal)  
es más larga y sigilosa, más  
ondulante *Versa*; las dos  
vuelan como cisnes cuando les pido  
que hagan su ballet en el aire por la noche; de  
día más bien duermen dobladas  
en siete, casi siempre en siete, en  
su morada de vidrio; sueñan que son  
las diosas Nekhbet y Bouto que ya bailaron antes como ellas  
en El Libro de los Muertos.

Las uso para escribir el Mundo, por eso  
les doy leche y uvas, las dejo jugar  
libres entre mis papeles; me gusta que hablen solas  
como yo, que piensen  
su pensamiento de muchachas desde un fulgor  
inmemorial sin miedo a  
morir: eso me gusta.

## Guardo em casa trancadas à chave

Guardo em casa trancadas à chave as duas serpentes  
dinásticas em  
arpões separados: *Prorsa* (assim batizada por Stendhal)  
é mais longa e sigilosa, e mais  
ondulante é *Versa*; as duas  
voam como cisnes quando peço a elas  
que façam seu balé no ar pela noite; de  
dia dormem dobradas  
em sete, quase sempre em sete, em  
sua morada de vidro; sonham que são  
as deusas Nekhbet e Buto que já dançaram antes como elas  
no Livro dos Mortos.

Eu as uso para escrever o Mundo, por isso  
dou a elas leite e uvas, as deixo brincar  
livres entre meus papéis; gosto que falem sozinhas  
como eu, que pensem  
seu pensamento de moças em um fulgor  
imemorial sem medo de  
morrer: gosto disso.

Además cómo ríen de cada línea loca  
que se me ocurre, *Versa*  
es la que más confía en lo que hago, y hasta  
acaricia mi oreja, *Prorsa* la exacta  
me exige menos lujo. — Así no,  
me dice: sin  
euforia.

A veces les abro la otra puerta de mi cráneo y ésa sí  
es alegría: bailan  
hasta enloquecer, vuelan  
por mi imaginación como si entraran a  
otra galaxia y  
no dejan dormir a nadie en ese espejo. La quebrazón  
empieza con los gallos.

E também de como riem de cada linha louca  
que me ocorre escrever, *Versa*  
é a que mais confia no que faço, e até  
acaricia a minha orelha, *Prorsa*, a exata,  
me exige menos luxo. – Assim, não,  
me diz: sem  
euforia.

Às vezes abro para elas a outra porta do meu crânio e, essa sim,  
é alegria: bailam  
até enlouquecer, voam  
pela minha imaginação como se entrassem em  
outra galáxia e  
não deixam ninguém dormir nesse espelho. O quebra-quebra  
começa com os galos.

**Rapto con precipicio**

*Todo lo bello  
Comienza a huir con las aguas*  
William Yeats

Si ha de triunfar el fuego sobre la forma fría,  
descifraré a María, hija del fuego;  
la elegancia del fuego, el ánimo del fuego,  
el esplendor, el éxtasis del fuego

en su nieve nupcial, dieciocho límpidos  
Escocia oscura: piedra, la que no pudo ser,  
animal fabuloso, sagrado, desangrado.

Novia: animal gustado noche a noche, y dormido  
dentro de mi animal, también dormido,  
hasta verla caer como una estrella.

Como una estrella nueve meses fijos  
parada, estremecida, muelle, blanca.  
Atada al aire por un hilo.

Por un hilo estelar de fuego arrebatado  
a los dioses, a tres mil metros fríos  
sobre la línea muerta del Pacífico.

## **Rapto com precipício**

*Todo o belo  
Começa a fugir com as águas*  
William Yeats

Se há de triunfar o fogo sobre a forma fria,  
decifrarei Maria, filha do fogo;  
a elegância do fogo, a alma do fogo,  
o esplendor, o êxtase do fogo

em sua neve nupcial, dezoito límpidos  
Escócia escura: pedra, a que não pôde ser,  
animal fabuloso, sagrado, dessangrado.

Namorada: animal apreciado noite a noite, e adormecido  
dentro do meu animal, também adormecido,  
até vê-la cair como uma estrela.

Como uma estrela nove meses fixos  
parada, estremecida, amolecida, branca.  
Atada ao ar por um fiapo.

Por um fiapo estrelar de fogo arrebatado  
aos deuses, a três mil metros frios  
sobre a linha morta do Pacífico.



Allí la cordillera estaba viva,  
y María era allí la cordillera  
de los Andes, y el aire era María.

Y el sol era María, y el placer,  
la teoría del conocimiento,  
y los volcanes de la poesía.

Mujer de fuego. Visible mujer.  
Siempre serás aquel paraje eterno.  
La cordillera y el mar, por nacer.  
La catástrofe viva del silencio.

Lá a cordilheira estava viva,  
e Maria era ali a cordilheira  
dos Andes, e o ar era Maria.

E o sol era Maria, e o prazer,  
a teoria do conhecimento,  
e os vulcões da poesia.

Mulher de fogo. Visível mulher.  
Sempre serás aquela paragem eterna.  
A cordilheira e o mar, por nascer.  
A catástrofe viva do silêncio.

**Los verdaderos poetas son de repente**

Los verdaderos poetas son de repente:  
nacen y desnacen, dicen  
misterio y son misterio, son niños  
en crecimiento tenaz, entran  
y salen intactos del abismo, ríen  
con el descaro de los 15, saltan  
desde el tablón del aire al roquerío  
aciago del océano sin  
miedo al miedo, los hechiza  
el peligro.

Aman y fosforecen, apuestan  
a ser, únicamente a ser, tienen mil ojos  
y otras mil orejas, pero  
las guardan en el cráneo musical, olfatean  
lo invisible más allá del número, el  
vaticinio va con ellos, son  
lozanía y arden lozanía.

## **Os verdadeiros poetas são de repente**

Os verdadeiros poetas são de repente:  
nascem e desnascem, dizem  
mistério e são mistério, são crianças  
em crescimento tenaz, entram  
e saem intactos do abismo, riem  
com o descaro dos 15, saltam  
do trampolim do ar ao rochedo  
aziago do oceano sem  
medo do medo, os enfeitiça  
o perigo.

Amam e fosforescem, apostam  
em ser, unicamente em ser, têm mil olhos  
e outras mil orelhas, mas  
as guardam no crânio musical, farejam  
o invisível para lá dos números, o  
vaticínio vai com eles, são  
frescor e ardem frescor.

## **La palabra placer**

La palabra placer, cómo corría larga y libre por tu cuerpo la palabra placer  
cayendo del destello de tu nuca, fluyendo  
blanquísima por lo vertiginoso oloroso de  
tu espalda hasta lo nupcial de unas caderas  
de cuyo arco pende el Mundo, cómo lo  
músico vino a ser marmóreo en la  
esplendidez de tus piernas si antes hubo  
dos piernas amorosas así considerando  
claro el encantamiento de los tobillos que son  
goznes que son aire que son  
partícipes de los pies de Isadora  
Duncan la que bailó en la playa  
abierta para Serguei  
Iesénin, cómo  
eras eso y más para mí, la  
danza, la contradanza, el gozo  
de olerte ahí tendida recostada en tu ámbar contra  
el espejo súbito de la Especie cuando te vi  
de golpe, ¡con lo lascivo  
de mis dedos te vi!, la  
arruga errónea, por decirlo, trizada en  
lo simultáneo de la serpiente palpándote  
áspera del otro lado otra  
pero tú misma en  
la inmediatez de la sábana, anfibia  
ahora, vieja  
vejez de los párpados abajo, pescado  
sin océano ni

## A palavra prazer

A palavra prazer, como corria longa e livre pelo teu corpo a palavra prazer  
caindo do lampejo da tua nuca, fluindo  
branquíssima pelo vertiginoso perfumado das  
tuas costas até o nupcial de umas cadeiras  
de cujo arco pende o Mundo, como o  
músico veio a ser marmóreo na  
esplendidez das tuas pernas se antes houve  
duas pernas assim considerando  
claro o encantamento dos tornozelos que são  
dobradiças que são ar que são  
partícipes dos pés de Isadora  
Duncan a que dançou na praia  
aberta para Serguei  
Iessienin?, como  
eras isso, e ainda mais para mim, a  
dança, a contradança, o gozo  
de te farejar ali estendida recostada no teu âmbar contra  
o espelho súbito da Espécie quando te vi  
de repente, com o lascivo  
dos meus dedos te vi!,  
a prega errônea, por assim dizer, destroçada no  
simultâneo da serpente apalpando-te  
áspera do outro lado outra  
mas tu mesma na  
imediatice do lençol, agora  
anfíbia, velha  
velhice das pálpebras abaixo, peixe  
sem oceano nem

nada que nadar, contradicción  
 siamesa de la figura  
 de las hermosas desde el  
 paraíso, sin  
 nariz entonces rectilínea ni pétalo  
 por rostro, pordioseros los pezones, más  
 y más pedregosas las rodillas, las costillas:

— ¿Y el parto, Amor, el

tisú epitelial del parto?

De él somos, del  
 mísero dos partido  
 en dos somos, del  
 bátrato, corrupción  
 y lozanía y  
 clítoris y éxtasis, ángeles  
 y muslos convulsos: todavía  
 anda suelto todo, ¿qué  
 nos iban a enfriar por eso los tigres  
 desbocados de anoche? Placer  
 y más placer. Olfato, lo  
 primero el olfato de la hermosura, alta  
 y esbelta rosa de sangre a cuya vertiente vine, no  
 importa el aceite de la locura:

— Vuélvete, paloma,

que el ciervo vulnerado  
 por el otero asoma.

nada onde nadar, contradição  
siamesa da figura  
das belas vindas lá do  
paraíso, sem  
então nariz retilíneo nem pétala  
como rosto, miseráveis os mamilos, mais  
e mais pedregosos os joelhos, as costelas?:

— E o parto, Amor, o

tecido epitelial do parto?

Dele somos, do  
mísero dois partido  
em dois somos, do  
báratro, corrupção  
e fulgor e  
clitóris e êxtase, anjos  
e músculos convulsos: tudo  
ainda anda solto, e então por isso  
os tigres desbocados de ontem à noite iam nos esfriar? Prazer  
e mais prazer. Olfato, o  
primeiro olfato da formosura, alta  
e esbelta rosa de sangue a cuja vertente eu vim, não  
importa o óleo da loucura:

— Vire de costas, pomba,

que o cervo vulnerado  
está subindo pelo outeiro.



**Carta a Huidobro**

1

Poca confianza en el XXI, en todo caso algo pasará,  
morirán otra vez los hombres, nacerá alguno  
del que nadie sabe, otra física  
en materia de soltura hará más próxima la imantación de la Tierra  
de suerte que el ojo ganará en prodigio y el viaje mismo será vuelo  
mental, no habrá estaciones, con sólo abrir  
la llave del verano por ejemplo nos bañaremos  
en el sol, las muchachas  
perdurarán bellísimas esos nueve meses por obra y gracia  
de las galaxias y otros nueve  
por añadidura después del parto merced  
al crecimiento de los alerces de antes del Mundo, así  
las mareas estremecidas bailarán airosas otro  
plazo, otro ritmo sanguíneo más fresco, lo que por contradanza hará  
que el hombre entre en su humus de una vez y sea  
más humilde, más  
terrestre.

2

Ah, y otra cosa sin vaticinio, poco a poco envejecerán  
las máquinas de la Realidad, no habrá drogas  
ni películas miserables ni periódicos arcaicos ni  
—disipación y estruendo— mercaderes del aplauso ignominioso, todo eso  
envejecerá en la apuesta  
de la creación, el ojo

## Carta a Huidobro

1

Pouca confiança no XXI, mas algo acontecerá,  
morrerão os homens outra vez, nascerá algum  
de quem ninguém sabe nada, outra física  
em matéria de soltura fará mais próxima a imantação da Terra  
de tal forma que o olho ganhará em prodígio e a própria viagem será voo  
mental, não haverá estações, só de abrir  
a chave do verão por exemplo nos banharemos  
no sol, as moças  
perdurarão belíssimas esses nove meses por obra e graça  
das galáxias e outros nove  
como consequência depois do parto graças  
ao crescimento dos ciprestes de antes do Mundo, assim  
as marés estremecidas bailarão airosas outro  
prazo, outro ritmo sanguíneo mais fresco, o que por contradança fará  
que o homem entre em seu húmus de uma vez e seja  
mais humilde, mais  
terrestre.

2

Ah, e outra coisa sem vaticínio, pouco a pouco envelhecerão  
as máquinas da Realidade, não haverá drogas  
nem filmes míseros nem jornais arcaicos nem  
— dissipação e estrondo — mercadores do aplauso ignominioso, tudo isso  
envelhecerá na aposta  
da criação, o olho

volverá a ser ojo, el tacto  
tacto, la nariz éter  
de Eternidad en el descubrimiento incesante, el fornicio  
nos hará libres, no  
pensaremos en inglés como dijo Darío, leeremos  
otra vez a los griegos, volverá a hablarse etrusco  
en todas las playas del Mundo, a la altura de la cuarta  
década se unirán los continentes  
de modo que entrará en nosotros la Antártica con toda su fascinación  
de mariposa de turquesa, siete trenes  
pasarán bajo ella en múltiples direcciones a una velocidad desconocida.

## 3

Hasta donde alcanzamos a ver Jesucristo no vendrá en la fecha, pájaros  
de aluminio invisible reemplazarán a los aviones, ya al cierre  
del XXI prevalecerá lo instantáneo, no seremos  
testigos de la mudanza, dormiremos  
progenitores en el polvo con nuestras madres  
que nos hicieron mortales, desde allí  
celebraremos el proyecto de durar, parar el sol,  
ser —como los divinos— de repente.

*Escrito en la Antártida, Villa  
las Estrellas, en marzo de 1993*

voltará a ser olho, o tato  
tato, o nariz éter  
de Eternidade no descobrimento incessante, a fornicação  
nos fará livres, não  
pensaremos em inglês como disse Darío, leremos  
outra vez os gregos, voltará a falar-se etrusco  
em todas as praias do Mundo, na altura da quarta  
década se unirão os continentes  
de maneira que entrará em nós a Antártica com toda sua fascinação  
de borboleta turquesa, sete trens  
passarão debaixo dela em múltiplas direções numa velocidade desconhecida.

3

Até onde a vista alcança Jesus Cristo não virá na data, pássaros  
de alumínio invisível substituirão os aviões, já no fim  
do XXI prevalecerá o instantâneo, não seremos  
testemunhas da mudança, dormiremos  
progenitores no pó com nossas mães  
que nos fizeram mortais, dali  
celebraremos o projeto de durar, parar o sol,  
ser – como os divinos – de repente.

*Escrito na Antártica, em Villa  
de las Estrellas, em março de 1993*

**Diálogo con Ovidio**

(*Cum subit illius tristísima noctis imago qua mihi supremum tempus in Urbe fuit...*)

Leo en romano viejo cada amanecer  
a mi Ovidio intacto, *ei mihi*,  
ay de mí palomas,  
cuervas más bien, pájaras  
aeronáuticas, ya entrado  
el año del laúd del que no sé  
pero sé aciago.

                                Escriban  
limpio en el mármol: aquí yace  
uno que no nació pero ardió  
y ardió por los ardidios.

Todo anda bien, el universo  
anda bien, las estrellas  
están pegadas a ese techo  
remotísimo, mismo este árbol  
parado ahí en sus raíces que esta casa  
hueca de aire, misma la obsesión  
de la muchacha flexible que me fue locura  
a los dieciséis, la que aparentemente no se ve  
pero se ve, morenía  
y turquesa y piernas largas que va ahí  
corriendo por esa playa vertiginosa donde no hay nadie  
sino una muchacha velocísima encima de  
la arena del ventarrón, corriendo.

**Diálogo com Ovídio**

(*Cum subit illius tristíssima noctis imago qua mihi supremum tempus in Urbe fuit...*)

Leio em romano velho a cada amanhecer  
meu intacto Ovídio, *ei mihi*,  
ai de mim, pombas,  
na verdade corvas, pássaras  
aeronáuticas, já entrado  
o ano do alaúde do qual não sei  
mas sei aziago.

Escrevam  
limpo no mármore: aqui jaz  
um que não nasceu mas ardeu  
e ardeu pelos ardidos.

Tudo vai bem, o universo  
vai bem, as estrelas  
estão coladas nesse teto  
remotíssimo, do mesmo jeito que esta árvore  
erguida aí em suas raízes e esta casa  
oca de ar, a mesma obsessão  
da moça flexível que foi minha loucura  
aos dezesseis, a que aparentemente não se vê  
mas se vê, morenice  
e turquesa e pernas longas que aí vai  
correndo por esta praia vertiginosa onde não há ninguém  
mas uma moça velocíssima em cima da  
areia do vendaval, correndo.

*Ei mihi:* pero el horror  
Ovidio mío no es lo que es o  
lo que no es sino el desparramo  
de la gente, los corrales  
enloquecidos de los Metros fuera de madre de  
Nínive a New York a la siga  
de la usura como dijo Pound, el riquero  
contra el pobrero del planeta, la dispersión  
de los dioses, todo el uranio  
de los bombarderos contra Júpiter, sin hablar  
de la servidumbre del seso  
a cuanta altanería, llámese  
computación o parodia,  
todo anda bien  
en la Urbe, todo y todo.

Pero no hay Urbe, hay  
estrépito y semáforos hasta las galaxias, pero no  
hay Urbe, falta  
el placer de ser sin miedo al  
pecado del psicoanálisis, el páramo  
de los rascacielos es mísera opulencia, el mismo amor  
que amaste pestilencia seca del rencor, y  
ya en el orden del cuerpo ¿dónde está el cuerpo?,  
la nariz que fuiste ¿dónde?, y tú sabes de nariz, ¿la oreja  
de oír dónde?, ¿el ojo  
de ver y de transver? No hay visiones  
a lo Blake sino hoyo  
negro, Publio

*Ei mihi*: mas o horror  
meu Ovídio não é o que é ou  
o que não é mas o esparramo  
das pessoas, os currais  
enlouquecidos dos Metrôs sem mãe de  
Nínive a Nova York indo atrás  
da usura como disse Pound, a ricarada  
contra a pobrarada do planeta, a dispersão  
dos deuses, todo o urânio  
dos bombardeiros contra Júpiter, sem falar  
da servidão do miolo  
a tudo que é altanaria, chamada de  
computação ou paródia,  
tudo vai bem  
na Urbe, tudo e tudo.

Mas não há Urbe, há  
estrépito e semáforos até as galáxias, mas não  
há Urbe, falta  
o prazer de ser sem medo do  
pecado da psicanálise, o páramo  
dos arranha-céus é mísera opulência, o próprio amor  
que amaste pestilência seca do rancor, e  
já na ordem do corpo, onde está o corpo?  
o nariz que foste, onde?, e tu sabes de nariz, onde a orelha  
de ouvir? O olho  
de ver e de transver? Não há visões  
à la Blake mas buraco  
negro, Públio



Ovidio, ¿me oyes, estás ahí en  
la dimensión del otro exilio más allá del Ponto, en la *imago*  
*tristissima* de aquella noche, o  
simplemente no hay Urbe allá, mi romano, nunca  
hubo Urbe ni  
imperio con  
todas las águilas? ¿Sólo el Tibre\*  
quedó? Aquí andamos  
como podemos: hazte púer  
otra vez para que nos entiendan el respiro  
del ritmo. Ya no hablamos en portentoso como entonces  
latín fragante sino en bárbaro-fonón. Piénsalo.  
Te estoy leyendo al alba.

*Para Alfonso Ortega*

\*Quevedo escribió *Tibre* por el río Tíber o Tevere.

Ovídio, me ouves?, estás aí na  
dimensão do outro exílio que fica além do Ponto, na *imago*  
*tristíssima* daquela noite, ou  
simplesmente lá não existe Urbe, meu romano, nunca  
houve Urbe nem  
império  
com todas as águias? Só restou  
o Tibre?\* Por aqui andamos  
do jeito que conseguimos: faça-te púbere  
outra vez para que nos entendam o respiro  
do ritmo. Já não falamos em portentoso latim fragrante  
como naquele tempo mas em bárbaro-fonón. Pensa nisso.  
Estou te lendo ao alvorecer.

*Para Afonso Ortega*

\*Quevedo escreveu *Tibre* para o rio Tiber ou Tévere.

## Cama con espejos

Ese mandarín hizo de todo en esta cama con espejos, con dos espejos:  
hizo el amor, tuvo la arrogancia  
de creerse inmortal, y tendido aquí miró su rostro por los pies,  
y el espejo de abajo le devolvió el rostro de lo visible;  
así desarrolló una tesis entre dos luces: el de arriba  
contra el de abajo, y acostado casi en el aire  
llegó a la construcción de su gran vuelo de madera.

La estridencia de los días y el polvo seco del funcionario  
no pudieron nada contra el encanto portentoso:  
ideogramas carnales, mariposas de alambre distinto, fueron muchas y muchas  
las hijas del cielo consumidas entre las llamas  
de aquestos dos espejos lascivos y sonámbulos  
dispuestos en lo íntimo de dos metros, cerrados el uno contra el otro:  
el uno para que el otro le diga al otro que el Uno es el Principio.

Ni el yin ni el yang, ni la alternancia del esperma y de la respiración  
lo sacaron de esta liturgia, las escenas eran veloces  
en la inmovilidad del paroxismo: negro el navío navegaba  
lúcidamente en sus aceites y el velamen de sus barnices,  
y una corriente de aire de ángeles iba de lo Alto a lo Hondo  
sin reparar en que lo Hondo era lo Alto para el seso  
del mandarín. Ni el yin ni el yang, y esto se pierde en el Origen.

*Pekín, 1971*

## **Cama com espelhos**

Esse mandarim fez de tudo nesta cama com espelhos, com dois espelhos:  
fez amor, teve a arrogância  
de se crer imortal, e estendido aqui olhou seu rosto pelos pés,  
e o espelho de baixo devolveu a ele o rosto do visível;  
assim desenvolveu uma tese entre duas luzes: o de cima  
contra o de baixo, e deitado quase no ar  
chegou à construção de seu grande voo de madeira.

A estridência dos dias e o pó seco do funcionário  
não conseguiram nada contra o encanto portentoso:  
ideogramas carnavais, borboletas de arame distinto, foram muitas e muitas  
as filhas do céu consumidas entre as chamas  
destes dois espelhos lascivos e sonâmbulos  
dispostos no íntimo de dois metros, fechados um contra o outro:  
um para que o outro diga ao outro que o Um é o Princípio.

Nem o yin nem o yang, nem a alternância do esperma e da respiração  
o tiraram desta liturgia, as cenas eram velozes  
na imobilidade do paroxismo: negro o navio navegava  
lucidamente em seus óleos e no velame de seus vernizes,  
e uma corrente de ar de anjos ia do Alto ao Fundo  
sem reparar que o Fundo era o Alto para os miolos  
do mandarim. Nem o yin nem o yang, e isto se perde na Origem.

*Pequim, 1971*

**Gato negro a la vista**

Gato, peligro  
de muerte, perversión  
de la siempreviva, gato bajando  
por lo áspero, gato de bruces  
por lo pedregoso en  
ángulo recto, sangrientas  
las úngulas, gato gramófono  
en el remolino de lo áfono, gato en picada  
de bombardero, gato payaso  
sin alambre en lo estruendoso  
del Trópico, arcángel  
negro y torrencial de los egipcios, gato  
sin parar, gato y más gato  
correvedile por los peñascos, gato luz,  
gato obsidiana, gato mariposa,  
gato carácter, gato para caer  
guardabajo, peligro.

## **Gato negro à vista**

Gato, perigo  
de morte, perversão  
da sempre-viva, gato descendo  
pelo áspero, gato de bruços  
no pedregoso em  
ângulo reto, sangrentas  
as úngulas, gato gramofone  
no redemoinho do áfono, gato despencando  
feito bombardeiro, gato palhaço  
sem fio de arame no estrondoso  
do Trópico, arcanjo  
negro e torrencial dos egípcios, gato  
sem parar, gato e mais gato  
correvaiediz pelos penhascos, gato luz  
gato obsidiana, gato borboleta,  
gato caráter, gato para cair  
ladeira abaixo, perigo.

**Enigma de la deseosa**

Muchacha imperfecta busca hombre imperfecto  
 de 32, exige lectura  
 de Ovidio, ofrece: a) dos pechos de paloma,  
 b) toda su piel liviana  
 para los besos, c) mirada  
 verde para desafiar el infortunio  
 de las tormentas;  
                                   no va a las casas  
 ni tiene teléfono, acepta  
 imantación por pensamiento. No es Venus;  
 tiene la voracidad de Venus.

### **Enigma da desejosa**

Moça imperfeita procura homem imperfeito  
de 32, exige leitura  
de Ovídio, oferece: a) dois peitos de pomba,  
b) toda sua pele suave  
para os beijos, c) olhar  
verde para desafiar o infortúnio  
das tormentas;

não atende em domicílio  
nem tem telefone, aceita  
imantação por pensamento. Não é Vênus;  
tem a voracidade de Vênus.



**Carbón**

Veo un río veloz brillar como un cuchillo, partir  
mi Lebu en dos mitades de fragancia, lo escucho,  
lo huelo, lo acaricio, lo recorro en un beso de niño como entonces,  
cuando el viento y la lluvia me mecían, lo siento  
como una arteria más entre mis sienes y mi almohada.

Es él. Está lloviendo.

Es él. Mi padre viene mojado. Es un olor  
a caballo mojado. Es Juan Antonio  
Rojas sobre un caballo atravesando un río.  
No hay novedad. La noche torrencial se derrumba  
como mina inundada, y un rayo la estremece.

Madre, ya va a llegar: abramos el portón,  
dame esa luz, yo quiero recibirlo  
antes que mis hermanos. Déjame que le lleve un buen vaso de vino  
para que se reponga, y me estreche en un beso,  
y me clave las púas de su barba.

Ahí viene el hombre, ahí viene  
embarrado, enrabiado contra la desventura, furioso  
contra la explotación, muerto de hambre, allí viene  
debajo de su poncho de castilla.

## Carvão

Vejo um rio veloz brilhar feito um punhal, partir  
minha Lebu natal em duas metades de fragrância, ouço o rio,  
cheiro o rio, acarício, percorro o rio num beijo de menino como antes,  
quando o vento e a chuva me ninavam, sinto o rio  
como uma artéria a mais entre minha frente e meu travesseiro.

É ele. Está chovendo.

É ele. Meu pai vem molhado. É um cheiro  
de cavalo molhado. É Juan Antonio  
Rojas sobre um cavalo atravessando um rio.  
Não há novidade. A noite torrencial desmorona  
feito mina inundada, e um raio a estremece.

Mãe, ele já vai chegar: vamos abrir o portão,  
me dê essa luz, quero recebê-lo  
antes que meus irmãos. Deixe que eu leve para ele um bom copo de vinho  
para que se reponha, e me estreite num beijo,  
e crave em mim as farpas da sua barba.

Lá vem o homem, lá vem  
enlameado, iracundo contra a desventura, furioso  
contra a exploração, morto de fome, lá vem  
debaixo do seu poncho de lã peluda.

Ah, minero inmortal, ésta es tu casa  
de roble, que tú mismo construiste. Adelante:  
te he venido a esperar, yo soy el séptimo  
de tus hijos. No importa  
que hayan pasado tantas estrellas por el cielo de estos años,  
que hayamos enterrado a tu mujer en un terrible agosto,  
porque tú y ella estáis multiplicados. No  
importa que la noche nos haya sido negra  
por igual a los dos.

— Pasa, no estés ahí  
mirándome, sin verme, debajo de la lluvia.

Ah, mineiro imortal, esta é a tua casa  
de carvalho, que tu mesmo construístes. Adiante:  
vim te esperar, sou o sétimo  
dos teus filhos. Não importa  
que tenham passado tantas estrelas pelo céu destes anos,  
que tenhamos enterrado tua mulher num terrível agosto,  
porque tu e ela estão multiplicados. Não  
importa que a noite tenha sido negra  
da mesma forma para os dois.

— Entra, não fica aí  
olhando para mim, sem me ver, debaixo da chuva.

## **Contra la muerte**

Me arranco las visiones y me arranco los ojos cada día que pasa.  
No quiero ver ¡no puedo! ver morir a los hombres cada día.  
Prefiero ser de piedra, estar oscuro,  
a soportar el asco de ablandarme por dentro y sonreír  
a diestra y a siniestra con tal de prosperar en mi negocio.

No tengo otro negocio que estar aquí diciendo la verdad  
en mitad de la calle y hacia todos los vientos:  
la verdad de estar vivo, únicamente vivo,  
con los pies en la tierra y el esqueleto libre en este mundo.

¿Qué sacamos con eso de saltar hasta el sol con nuestras máquinas  
a la velocidad del pensamiento, demonios: qué sacamos  
con volar más allá del infinito  
si seguimos muriendo sin esperanza alguna de vivir  
fuera del tiempo oscuro?

Dios no me sirve. Nadie me sirve para nada.  
Pero respiro, y como, y hasta duermo  
pensando que me faltan unos diez o veinte años para irme  
de bruces, como todos, a dormir en dos metros de cemento, allá abajo.

No lloro, no me lloro. Todo ha de ser así como ha de ser,  
pero no puedo ver cajones y cajones  
pasar, pasar, pasar, pasar cada minuto  
llenos de algo, rellenos de algo, no puedo ver  
todavía caliente la sangre en los cajones.

## Contra a morte

Arranco de mim as visões e arranco de mim os olhos a cada dia que passa.  
Não quero ver não posso! ver os homens morrerem a cada dia.  
Prefiro ser de pedra, estar escuro,  
a suportar o asco de amolecer por dentro e sorrir  
a torto e a direito com tal de prosperar em meu negócio.

Não tenho outro negócio que estar aqui dizendo a verdade  
no meio da rua e contra todos os ventos:  
a verdade de estar vivo, unicamente vivo,  
com os pés na terra e o esqueleto livre neste mundo.

O que conseguimos com isso de saltar até o sol com nossas máquinas,  
na velocidade do pensamento, que demônios: o que conseguimos  
com voar para além do infinito  
se continuamos morrendo sem esperança alguma de viver  
fora do tempo escuro?

Deus não serve para mim. Ninguém serve para coisa alguma para mim.  
Mas respiro, e como, e até durmo  
pensando na falta que me fazem uns dez ou vinte anos para ir  
de bruços, como todos, dormir em dois metros de cimento, lá embaixo.

Não choro, não choro por mim. Tudo há de ser como há de ser,  
mas não posso ver caixões e caixões  
passando, passando, passando, passando a cada minuto  
carregados de algo, recheados de algo, não posso ver  
o sangue ainda quente nos caixões.

Toco esta rosa, beso sus pétalos, adoro  
la vida, no me canso de amar a las mujeres: me alimento  
de abrir el mundo en ellas. Pero todo es inútil,  
porque yo mismo soy una cabeza inútil  
lista para cortar, por no entender qué es eso  
de esperar otro mundo de este mundo.

Me hablan del Dios o me hablan de la Historia. Me río  
de ir a buscar tan lejos la explicación del hambre  
que me devora, el hambre de vivir como el sol  
en la gracia del aire, eternamente.

Toco esta rosa, beijo suas pétalas, adoro  
a vida, não me canso de amar as mulheres: me alimento  
de abrir o mundo nelas. Mas tudo é inútil,  
porque eu mesmo sou uma cabeça inútil  
pronta para ser cortada, por não entender o que é isso  
de esperar outro mundo deste mundo.

Falam para mim do Deus ou da História. Eu rio  
de ir buscar tão longe a explicação da fome  
que me devora, a fome de viver como o sol  
na graça do ar, eternamente.



## **Ningunos**

Ningunos niños matarán ningunos pájaros, ningunos errores  
errarán, ningunos cocodrilos  
cocodrilearán a no ser que el juego  
sea otro y Matta, Roberto  
Matta que lo inventó, busque en el aire a  
su hijito muerto por si lo halla a unos tres metros  
del suelo elevándose:  
yéndose de esta gravedad.

Ningunas nubes nublarán ningunas estrellas, ningunas  
lluvias lloverán cuchillos, paciencias  
ningunas de mujeres pacienciarán  
en vano, con tal  
que llegue esa carta piensa Hilda y el sello  
diga Santiago, con tal que esa carta  
sea de Santiago, y

el que la firme sea Alejandro y  
diga: Aparecí. Firmado: Alejandro  
Rodríguez; siempre y cuando  
se aclare todo y ningunas  
muertes sean muertes, ningunas  
Cármenes sean sino Cármenes, alondras en  
vuelo hacia sus Alejandros, mi Dios, y  
los únicos ningunos de este juego cruel sean ellos, ¡ellos  
por los que escribo esto con mi  
sintaxis de niño contra el maleficio: los  
mutilados, los  
desaparecidos!

## Nenhuns

Nenhuns meninos matarão nenhuns pássaros, nenhuns erros  
errarão, nenhuns crocodilos  
crocodilarão a não ser que o jogo  
seja outro e Matta, Roberto  
Matta que o inventou, busque no ar  
seu filhinho morto porque talvez o encontre a uns três metros  
do solo elevando-se:  
indo embora desta gravidade.

Nenhumas nuvens enevoarão nenhuma estrelas, nenhuma  
chuvas choverão canivetes, paciências  
nenhumas de mulheres pacienciarão  
em vão, com tal  
de que essa carta chegue pensa Hilda e o carimbo  
diga Santiago, com tal que essa carta  
seja de Santiago, e

quem a assine seja Alejandro e  
diga: Apareci. Assinado: Alejandro  
Rodríguez; sempre e quando  
se esclareça tudo e nenhuma  
mortes sejam mortes, nenhuma  
Carmens sejam algo além de Carmens, cotovias em  
voo rumo a seus Alejandros, meu Deus, e  
os únicos nenhuns deste jogo cruel sejam eles, eles  
pelos quais escrevo isso com minha  
sintaxe de menino contra o malefício:  
os mutilados, os  
desaparecidos!

**El sol es la única semilla**

Vivo en la realidad.  
Duermo en la realidad.  
Muero en la realidad.

Yo soy la realidad.  
Tú eres la realidad.  
Pero el sol  
es la única semilla.

¿Qué eres tú? ¿Qué soy yo  
sino un cuerpo prestado  
que hace sombra?

La sombra es lo que el cuerpo  
deja de su memoria.

Yo tuve padre y madre.  
Pero ya no recuerdo  
sus cuerpos ni sus almas.

Mi rostro no es su rostro  
sino, acaso, la sombra,  
la mezcla de esos rostros.

Tú haces el bien o el mal.  
Tú eres causa de un hecho  
pero: ¿eres tú tu causa?

## **O sol é a única semente**

Vivo na realidade.  
Durmo na realidade.  
Morro na realidade.

Eu sou a realidade.  
Tu és a realidade.  
Mas o sol  
é a única semente.

O que és? Que sou eu  
a não ser um corpo emprestado  
que faz sombra?

A sombra é o que o corpo  
deixa da sua memória.

Eu tive pai e mãe.  
Mas já não recordo  
seus corpos nem suas almas.

Meu rosto não é seu rosto  
e sim, talvez, a sombra,  
a mescla desses rostos.

Tu fazes o bem ou o mal.  
Tu és causa de um fato  
porém: és tu tua causa?

Te dan lo que te piden.  
Piden lo que te dan.  
Total: entras y sales.

Dejas tu pobre sombra  
como un nombre cualquiera  
escrito en la muralla.

Peleas. Duermes. Comes.  
Engendras. Envejeces.  
Pasas al otro día.

Los demás también mueren  
como tú, gota a gota,  
hasta que el mar se llena.

¿Has pensado en el aire  
que ese mar desaloja?

Tú y yo somos dos tablas  
que alguien cortó en el bosque  
a un árbol milenario.

Pero ¿quién plantó ese árbol  
para que de él saliéramos  
y en él nos encerráramos?

Te dão o que te pedem.  
Pedem o que te dão.  
Enfim: entras e saís.

Deixas tua pobre sombra  
como um nome qualquer  
escrito na muralha.

Lutas. Dormes. Comes.  
Engendras. Envelheces.  
Passas ao outro dia.

Os outros também morrem  
como tu, gota a gota,  
até que o mar se enche.

Pensaste no ar  
que esse mar desaloja?

Tu e eu somos duas tábuas  
que alguém cortou de uma  
árvore milenária no bosque.

Mas quem plantou essa árvore  
para que dela saíssemos  
e nela nos encerrássemos?

A ti no te conozco,  
pero tú estás en mí  
porque me vas buscando.

Tú te buscas en mí.  
Yo escribo para ti.  
Es mi trabajo.

Vivo en la realidad.  
Duermo en la realidad.  
Muero en la realidad.

Yo soy la realidad.  
Tú eres la realidad.  
Pero el sol  
es la única semilla.

Não te conheço,  
mas estás em mim  
porque vais me buscando.

Tu te buscas em mim.  
Eu escrevo para ti.  
É o meu trabalho.

Vivo na realidade.  
Durmo na realidade.  
Morro na realidade.

Eu sou a realidade.  
Tu és a realidade.  
Mas o sol  
é a única semente.



## Latín y jazz

Leo en un mismo aire a mi Catulo y oigo a Louis Armstrong, lo reoigo en la improvisación del cielo, vuelan los ángeles en el latín augusto de Roma con las trompetas libérrimas, lentísimas, en un acorde ya sin tiempo, en un zumbido de arterias y de pétalos para irme en el torrente con las olas que salen de esta silla, de esta mesa de tabla, de esta materia que somos yo y mi cuerpo en el minuto de este azar en que amarro la ventolera de estas sílabas.

Es el parto, lo abierto de lo sonoro, el resplandor del movimiento, loco el círculo de los sentidos, lo súbito de este aroma áspero a sangre de sacrificio: Roma y África, la opulencia y el látigo, la fascinación del ocio y el golpe amargo de los remos, el frenesí y el infortunio de los imperios, vaticinio o estertor: éste es el jazz, el éxtasis antes del derrumbe, Armstrong; éste es el éxtasis, Catulo mío,

¡Tánatos!

## Latim e o jazz

Leio num mesmo ar meu Catulo e ouço Louis Armstrong, o reouço  
na improvisação do céu, voam os anjos  
no latim augusto de Roma com as trombetas libérrimas, lentíssimas,  
num acorde já sem tempo, num zumbido  
de artérias e de pétalas para me deixar ir na torrente com as ondas  
que saem desta cadeira, desta mesa de madeira, desta matéria  
que somos eu e meu corpo no minuto deste acaso  
em que amarro o cata-vento destas sílabas.

É o parto, o aberto do sonoro, o resplendor  
do movimento, louco o círculo dos sentidos, o súbito  
deste aroma áspero do sangue de sacrifícios: Roma  
e África, a opulência e o látigo, a fascinação  
do ócio e o golpe amargo dos remos, o frenesi  
e o infortúnio dos impérios, vaticínio  
ou estertor: este é o jazz,  
o êxtase  
diante do desmoronamento, Armstrong; este é o êxtase,  
Catulo meu,

Thanatos!

## **La salvación**

Me enamoré de ti cuando llorabas  
a tu novio, molido por la muerte,  
y eras como la estrella del terror  
que iluminaba al mundo.

Oh cuánto me arrepiento  
de haber perdido aquella noche, bajo los árboles,  
mientras sonaba el mar entre la niebla  
y tú estabas eléctrica y llorosa  
bajo la tempestad, oh cuánto me arrepiento  
de haberme conformado con tu rostro,  
con tu voz y tus dedos,  
de no haberte excitado, de no haberte  
tomado y poseído,  
oh cuánto me arrepiento de no haberte  
besado.

Algo más que tus ojos azules, algo más  
que tu piel de canela,  
algo más que tu voz enronquecida  
de llamar a los muertos, algo más que el fulgor  
fatídico de tu alma,  
se ha encarnado en mi ser, como animal  
que roe mis espaldas con sus dientes.

## A salvação

Eu me apaixonei por ti quando choravas  
o teu namorado, moído pela morte,  
e eras como a estrela do terror  
que iluminava o mundo.

Oh, como me arrependo  
por ter perdido aquela noite, debaixo das árvores,  
enquanto soava o mar entre a neblina  
e tu estavas elétrica e chorosa  
debaixo da tempestade, como me arrependo  
por haver-me conformado com teu rosto,  
com tua voz e teus dedos,  
por não haver-te excitado, não haver-te  
tomado e possuído,  
como me arrependo por não haver-te  
beijado.

Algo mais que teus olhos azuis, algo mais  
que tua pele de canela,  
algo mais que tua voz enrouquecida  
de chamar os mortos, algo mais que o fulgor  
fatídico da tua alma,  
se encarnou no meu ser, feito animal  
que rói as minhas costas com seus dentes.

Fácil me hubiera sido morderte entre las flores  
como a las campesinas,  
darte un beso en la nuca, en las orejas,  
y ponerte mi mancha en lo más hondo  
de tu herida.

Pero fui delicado,  
y lo que vino a ser una obsesión  
habría sido apenas un vestido rasgado,  
unas piernas cansadas de correr y correr  
detrás del instantáneo frenesí, y el sudor  
de una joven y un joven, libres ya de la muerte.  
Oh agujero sin fin, por donde sale y entra  
el mar interminable,  
oh deseo terrible que me hace oler tu olor  
a muchacha lasciva y enlutada  
detrás de los vestidos de todas las mujeres.

¿Por qué no fui feroz, por qué no te salvé  
de lo turbio y perverso que exhalan los difuntos?  
¿Por qué no te preñé como varón  
aquella oscura noche de tormenta?

Fácil teria sido para mim morder-te entre as flores  
como as camponesas,  
dar-te um beijo na nuca, nas orelhas,  
e pôr minha mancha no mais fundo  
da tua ferida.

Mas fui delicado,  
e o que veio a ser uma obsessão  
teria sido apenas um vestido rasgado,  
umas pernas cansadas de correr e correr  
atrás do instantâneo frenesi, e o suor  
de uma jovem e um jovem, livres já da morte.  
Oh vazio sem fim, por onde sai e entra  
o mar interminável,  
oh desejo terrível que me faz cheirar teu cheiro  
de moça lasciva e enlutada  
atrás dos vestidos de todas as mulheres.

Por que não fui feroz, por que não te salvei  
do turvo e do perverso que os defuntos exalam?  
Por que não te emprenhei feito varão  
naquela escura noite de tormenta?

## La piedra

Por culpa de nadie habrá llorado esta piedra.

Habrá dormido en lo aciago  
de su madre esta piedra  
precipicia por  
unimiento cerebral  
al ritmo  
de donde vino llameada  
y apagada, habrá visto  
lo no visto con  
los otros ojos de la música, y  
así, con mansedumbre, acostándose  
en la fragilidad de lo informe, seca  
la opaca habráse anoche sin  
ruido de albatros contra la cerrazón  
ido.

Vacilado no habrá por esta decisión  
de la imperfección de su figura que por oscura no vio nunca nadie  
porque nadie las ve nunca a esas piedras que son de nadie  
en la excrecencia de una opacidad  
que más bien las enfría ahí al tacto como nubes  
neutras, amorfas, sin lo airoso  
del mármol ni lo lujoso  
de la turquesa, ¡tan ambiguas  
si se quiere pero por eso mismo tan próximas!

## A pedra

Por culpa de ninguém esta pedra terá chorado.

Terá dormido no aziago  
de sua mãe esta pedra  
despenhada pela  
união cerebral  
ao ritmo  
de onde veio em chamas  
e apagada, terá visto  
o não visto com  
os outros olhos da música, e  
assim, com mansidão, deitando-se  
na fragilidade do informe, seca  
a opaca terá ido ontem à noite sem  
ruído de albatroz contra o nevoeiro.

Não terá vacilado por esta decisão  
da imperfeição de sua figura que por obscura nunca ninguém viu  
porque ninguém vê nunca essas pedras que são de ninguém  
na exrecência de uma opacidade  
que na verdade as esfria ali ao tato feito nuvens  
neutras, amorfas, sem o garboso  
do mármore nem o luxuoso  
da turquesa, tão ambíguas  
se você quiser mas por isso mesmo tão próximas!



No, vacilado no; habrá salido  
por demás intacta con su traza ferruginosa  
y celestial,  
le habrá a lo sumo dicho al árbol: — Adiós  
árbol que me diste sombra; al río: — Adiós  
río que hablaste por mí; lluvia, adiós,  
que me mojaste. Adiós,  
mariposa blanca.

Por culpa de nadie habrá llorado esta piedra.

Não, vacilado não; terá saído  
intacta demais com suas marcas ferruginosas  
e celestiais,  
terá no máximo dito à árvore: — Adeus  
árvore, que me deste sombra; ao rio: — Adeus  
rio que falaste por mim; chuva, adeus,  
que me molhaste. Adeus,  
borboleta branca.

Por culpa de ninguém esta pedra terá chorado.

**Perdí mi juventud**

Perdí mi juventud en los burdeles  
pero no te he perdido  
ni un instante, mi bestia,  
máquina del placer, mi pobre novia  
reventada en el baile.

Me acostaba contigo,  
mordía tus pezones furibundo,  
me ahogaba en tu perfume cada noche,  
y al alba te miraba  
dormida en la marea de la alcoba,  
dura como una roca en la tormenta.

Pasábamos por ti como las olas  
todos los que te amábamos. Dormíamos  
con tu cuerpo sagrado.  
Salíamos de ti paridos nuevamente  
por el placer, al mundo.

Perdí mi juventud en los burdeles,  
pero daría mi alma  
por besarte a la luz de los espejos  
de aquel salón, sepulcro de la carne,  
el cigarro y el vino.

## **Perdi minha juventude**

Perdi minha juventude nos bordéis  
mas não perdi você  
nem um instante, meu animal feroz,  
máquina do prazer, minha pobre namorada  
esgotada no baile.

Eu me deitava com você,  
mordia seus mamilos furibundo,  
me afogava em seu perfume a cada noite,  
e na alvorada olhava você  
adormecida na maré da alcova,  
dura feito um rochedo na tormenta.

Passávamos por você como ondas  
todos os que que amávamos você. Dormíamos  
com seu corpo sagrado.  
Saíamos de você novamente paridos  
pelo prazer, rumo ao mundo.

Perdi minha juventude nos bordéis,  
mas daria a minha alma  
por beijar você à luz dos espelhos  
daquele salão, sepulcro de carne,  
cigarro e vinho.

Allí, bella entre todas,  
reinabas para mí sobre las nubes  
de la miseria.

A torrentes tus ojos despedían  
rayos verdes y azules. A torrentes  
tu corazón salía hasta tus labios,  
latía largamente por tu cuerpo,  
por tus piernas hermosas  
y goteaba en el pozo de tu boca profunda.

Después de la taberna,  
a tientas por la escala,  
maldiciendo la luz del nuevo día,  
demonio a los veinte años,  
entré al salón esa mañana negra.

Y se me heló la sangre al verte muda,  
rodeada por las otras,  
mudos los instrumentos y las sillas,  
y la alfombra de felpa, y los espejos  
que copiaban en vano tu hermosura.

Un coro de rameras te velaba  
de rodillas, oh hermosa  
llama de mi placer, y hasta diez velas  
honraban con su llanto el sacrificio,  
y allí donde bailaste  
desnuda para mí, todo era olor  
a muerte.

Lá, bela entre todas,  
para mim você reinava sobre as nuvens  
da miséria.

A torrentes seus olhos lançavam  
raios verdes e azuis. A torrentes  
seu coração saía até os seus lábios,  
latejava lentamente pelo seu corpo,  
pelas tuas pernas formosas  
e gotejava no poço da sua boca profunda.

Depois da taverna,  
tateando pela escada,  
amaldiçoando a luz do novo dia,  
demônio aos vinte anos,  
entrei no salão naquela negra manhã.

E meu sangue gelou ao ver você muda,  
rodeada pelas outras,  
mudos os instrumentos e as cadeiras,  
e o tapete de felpa, e os espelhos  
que em vão copiavam sua formosura.

Um coro de rameiras velava você  
de joelhos, ó bela  
chama do meu prazer, e até dez velas  
honravam com seu pranto o sacrifício,  
e ali onde você dançou  
nua para mim, tudo cheirava  
a morte.

No he podido saciarme nunca en nadie,  
porque yo iba subiendo, devorado  
por el deseo obscuro de tu cuerpo  
cuando te hallé acostada boca arriba,  
y me dejaste frío en lo caliente,  
y te perdí, y no pude  
nacer de ti otra vez, y ya no pude  
sino bajar terriblemente solo  
a buscar mi cabeza por el mundo.

Nunca jamais pude me saciar em ninguém,  
porque eu ia subindo, devorado  
pelo desejo obscuro do seu corpo  
quando achei você deitada de costas,  
e você me deixou frio no calor,  
e perdi você, e não consegui  
nascer de você outra vez, e não consegui  
outra coisa que descer terrivelmente sozinho  
para buscar minha cabeça no mundo.



**Asma es amor***A Hilda, mi centaura*

Más que por la A de amor estoy por la A  
de asma, y me ahogo  
de tu no aire, ábreme  
alta mía única anclada ahí, no es bueno  
el avión de palo en el que yaces con  
vidrio y todo en esas tablas precipicias, adentro  
de las que ya no estás, tu esbeltez  
ya no está, tus grandes  
pies hermosos, tu espinazo  
de yegua de Faraón, y es tan difícil  
este resuello, tú  
me entiendes: asma  
es amor.

## **Asma é amor**

*Para Hilda, minha centaura*

Mais que pelo A de amor estou pelo A  
de asma, e me afogo  
em teu não ar, abra para mim  
alta minha única ancorada aí, não é bom  
o avião de madeira em que jazes com  
vidro e tudo nessas tábuas de precipício, dentro  
das que já não estás, tua esbelteza  
já não está, teus grandes  
pés formosos, tua espinha  
de égua de Faraó, e é tão difícil  
este resfolegar, tu  
me entendes: asma  
é amor.



Gonzalo Rojas e Hilda May  
em Lanzarote (1994)



### **Qedeshím Qedeshóth**

Mala suerte acostarse con fenicias, yo me acosté  
con una en Cádiz bellísima  
y no supe de mi horóscopo hasta  
mucho después cuando el Mediterráneo me empezó a exigir  
más y más oleaje; remando  
hacia atrás llegué casi exhausto a la  
duodécima centuria: todo era blanco, las aves,  
el océano, el amanecer era blanco.

Pertenezco al Templo, me dijo: soy Templo. No hay  
puta, pensé, que no diga palabras  
del tamaño de esa complacencia. 50 dólares  
por ir al otro Mundo, le contesté riendo; o nada.  
50, o nada. Lloró  
convulsa contra el espejo, pintó  
encima con rouge y lágrimas un pez: —Pez,  
acuérdate del pez.

Dijo alumbrándome con sus grandes ojos líquidos de  
turquesa, y ahí mismo empezó a bailar en la alfombra el  
rito completo; primero puso en el aire un disco de Babilonia y  
le dio cuerda al catre, apagó las velas: el catre  
sin duda era un gramófono milenario  
por el esplendor de la música; palomas, de  
repente aparecieron palomas.

## **Qedeshím Qedeshóth**

Má sorte ir para a cama com fenícias, eu fui  
com uma em Cádiz belíssima  
e não soube do meu horóscopo até  
muito depois quando o Mediterrâneo passou a me exigir  
mais e mais marés; remando  
para trás cheguei quase exausto na  
duodécima centúria: tudo era branco, as aves,  
o oceano, o amanhecer era branco.

Pertenço ao Templo, ela me disse: sou Templo. Não existe  
puta, pensei, que não diga palavras  
do tamanho dessa complacência. 50 dólares  
para ir ao outro Mundo, respondi rindo; ou nada.  
50, ou nada. Chorou  
convulsa contra o espelho, pintou  
em cima dele com rouge e lágrimas um peixe: — Peixe,  
lembre-se do peixe.

Disse me iluminando com seus grandes olhos líquidos  
de turquesa, e ali mesmo começou a bailar no tapete o  
ritual completo; primeiro pôs no ar um disco da Babilônia e  
deu corda no catre, apagou as velas: o catre  
sem dúvida era um gramofone milenário  
pelo esplendor da música; pombas, de  
repente apareceram pombas.

Todo eso por cierto en la desnudez más desnuda con  
su pelo rojizo y esos zapatos verdes, altos, que la  
esculpían marmórea y sacra como  
cuando la rifaron en Tiro entre las otras lobas  
del puerto, o en Cartago  
donde fue bailarina con derecho a sábana a los  
quince; todo eso.

Pero ahora, ay, hablando en prosa se  
entenderá que tanto  
espectáculo angélico hizo de golpe crisis en mi  
espinazo, y lascivo y  
seminal la violé en su éxtasis como  
si eso no fuera un templo sino un prostíbulo, la  
besé áspero, la  
lastimé y ella igual me  
besó en un exceso de pétalos, nos  
manchamos gozosos, ardimos a grandes llamaradas  
Cádiz adentro en la noche ronca en un  
aceite de hombre y de mujer que no está escrito  
en alfabeto púnico alguno, si la imaginación de la  
imaginación me alcanza.

Tudo isso por certo na nudez mais nua com  
seus cabelos ruivos e aqueles sapatos verdes, altos, que a  
esculpiam marmórea e sacra como  
quando foi rifada em Tiro entre as outras lobas  
do porto, ou em Cartago  
onde foi bailarina com direito a lençol  
aos quinze; tudo isso.

Mas agora, ai, falando em prosa se  
entenderá que tanto  
espetáculo angelical fez de repente crise em minha  
espinha, e lascivo e  
seminal a violei em seu êxtase como  
se aquilo não fosse um templo e sim um prostíbulo, a  
beijeí áspero, a  
machuquei e ela igualmente me  
beijou num excesso de pétalas, nos  
manchamos gozosos, ardemos em grandes fogaréus  
Cádiz adentro na noite rouca num  
azeite de homem e de mulher que não está escrito  
em nenhum alfabeto púnico, se a imaginação da  
imaginação me basta.



Qedeshím Qedeshóth, \* personaje, teóloga  
loca, bronce, aullido  
de bronce, ni Agustín  
de Hipona que también fue liviano y  
pecador en África hubiera  
hurtado por una noche el cuerpo a la  
diáfana fenicia. Yo  
pecador me confieso a Dios.

\*En fenicio: cortesana del templo.

Qedeshím Qedeshóth, \* *personaja*, teóloga  
louca, bronze, uivo  
de bronze, nem Agostinho  
de Hipona que também foi leviano e  
pecador na África teria  
furtado por uma noite o corpo à  
diáfana fenícia. Eu  
pecador me confesso a Deus.

\*Em fenício: cortesã do templo.

## **El helicóptero**

Ahí anda de nuevo el helicóptero dándole vueltas y vueltas a la casa,  
horas y horas, no para nunca  
el asedio, ahí anda  
todavía entre las nubes el moscardón con esa orden  
de lo alto gira que gira olfateándonos  
hasta la muerte.

Lo indaga todo desde arriba, lo escruta todo hasta el polvo con sus antenas  
minuciosas, apunta el nombre de cada uno, el instante  
que entramos a la habitación, los pasos  
en lo más oscuro del pensamiento, tira la red,  
la recoge con los pescados aleteantes, nos paraliza.

Máquina carnicera cuyos élitros nos persiguen hasta después  
que caemos, máquina sucia,  
madre de los cuervos delatores, no hay abismo  
comparable a esta patria hueca, a este asco  
de cielo con este cóndor venenoso, a este asco de aire  
apestado por el zumbido del miedo, a este asco  
de vivir así en la trampa  
de este tableteo de lata, entre lo turbio  
del ruido y lo viscoso.

## O helicóptero

E aí está de novo o helicóptero dando voltas e voltas ao redor da casa,  
horas e horas, não cessa nunca  
o assédio, lá está  
ainda entre as nuvens a mosca varejeira com essa ordem  
do alto gira que gira farejando a gente  
até a morte.

Lá do alto indaga tudo, examina tudo até o pó com suas antenas  
minuciosas, anota o nome de cada um, o instante  
em que entramos no quarto, os passos  
no mais escuro do pensamento, estende a rede,  
a recolhe com peixes em revoada, nos paralisa.

Máquina carniceira cujos élitros nos perseguem até depois  
que caímos, máquina suja,  
mãe dos corvos delatores, não existe abismo  
comparável a esta pátria vazia, a este asco  
de céu com este condor venenoso, a este asco de ar  
apestado pelo zumbido do medo, a este asco  
de viver assim na armadilha  
deste metralhar de lata, entre o turvo  
do ruído e o viscoso.

**Fax con ventolera**

Fax con ventolera  
y una rosa: — Hoy  
salió de esto Rojas  
el Gonzalo  
como le pusieron en el agua, iba solo, no hay  
epitafio que escribir en cuanto a su suerte, ni  
cuerpo que respirar, escasamente  
se dirá de él que vino  
rápido y ha salido,  
que ya no está entonces, que  
no hay estrellas para él, que carnalmente  
va encima del vidrio que lo encarcela una rosa  
a modo de instrumento de perdición, que ha salido  
y eso es todo.

### **Fax com cata-vento**

Fax com cata-vento  
e uma rosa: — Hoje  
saiu disto Rojas  
o Gonzalo  
como se fosse posto na água, ia sozinho, não há  
epitáfio a escrever quanto à sua sorte, nem  
corpo que respirar, escassamente  
se dirá dele que veio  
rápido e se foi,  
que então já não está, que  
não há estrelas para ele, que carnalmente  
está em cima do vidro que o encarcera uma rosa  
na função de instrumento de perdição, que saiu  
e isso é tudo.

**Desde abajo**

Entonces nos colgaron de los pies, nos sacaron  
la sangre por los ojos,  
con un cuchillo  
nos fueron marcando en el lomo, yo soy el número  
25.033,  
nos pidieron  
dulcemente,  
casi al oído,  
que gritáramos  
viva no sé quién.

Lo demás  
son estas piedras que nos tapan, el viento.

## Lá de baixo

Então nos penduraram pelos pés, tiraram  
nosso sangue pelos olhos  
com uma faca  
foram marcando nossos lombos, eu sou o número  
25.033  
nos pediram  
docemente,  
quase ao pé do ouvido,  
que gritássemos  
viva sei lá quem.

O resto  
são estas pedras que nos tapam, o vento.



## **Domicilio en el Báltico**

Tendré que dormir en alemán, aletear,  
respirar si puedo en alemán entre  
tranvía y tranvía, a diez kilómetros  
de estridencia amarilla por hora, con esta pena  
a las 5.03,

ser exacto

y silencioso en mi número como un lisiado  
más de la guerra, mimetizarme coleóptero  
blanco.

Envejecer así, pasar aquí veinte años de cemento  
previo al otro, en este nicho  
prefabricado, barrer entonces  
la escalera cada semana, tirar la libertad  
a la basura en esos tarros  
grandes bajo la nieve,

agradecer,

sobre todo en alemán agradecer,  
supongo, a Alguien.

## **Domicílio no Báltico**

Terei que dormir em alemão, revoar,  
respirar se conseguir em alemão entre  
bonde e bonde, a dez quilômetros  
de estridência amarela por hora, com esta pena  
às 5.03,

ser exato

e silencioso em meu número como um aleijado  
a mais da guerra, mimetizar-me coleóptero  
branco.

Envelhecer assim, passar aqui vinte anos de cimento  
prévio ao outro, neste nicho  
pré-fabricado, varrer então  
a escadaria toda semana, jogar a liberdade  
no lixo nesses latões  
grandes cobertos de neve,

agradecer,

principalmente em alemão agradecer,  
suponho, a Alguém.

## Concierto

Entre todos escribieron el Libro, Rimbaud  
pintó el zumbido de las vocales, ¡ninguno  
supo lo que el Cristo  
dibujó esa vez en la arena!, Lautréamont  
aulló largo, Kafka  
ardió como una pira con sus papeles: —Lo  
que es del fuego al fuego; Vallejo  
no murió, el barranco  
estaba lleno de él como el Tao  
lleno de luciérnagas; otros  
fueron invisibles; Shakespeare  
montó el espectáculo con diez mil  
mariposas; el que pasó ahora por el jardín hablando  
solo, ése era Pound discutiendo un ideograma  
con los ángeles, Chaplin  
filmando a Nietzsche; de España  
vino con noche oscura San Juan  
por el éter, Goya,  
Picasso  
vestido de payaso, Kavafis  
de Alejandría; otros durmieron  
como Heráclito echados al sol roncando  
desde las raíces, Sade, Bataille,

## Concerto

Entre todos escreveram o Livro, Rimbaud  
pintou o zumbido das vogais, nenhum  
soube o que Cristo  
desenhou aquela vez na areia!, Lautréamont  
uivou longo, Kafka  
ardeu como uma pira com seus papéis: — O  
que é do fogo, ao fogo; Vallejo  
não morreu, o barranco  
estava cheio dele como o Tao  
cheio de vagalumes; outros  
foram invisíveis; Shakespeare  
montou o espetáculo com dez mil  
borboletas; esse que passou agora pelo jardim falando  
sozinho, esse era Pound discutindo um ideograma  
com os anjos, Chaplin  
filmando Nietzsche; da Espanha  
veio com noite escura San Juan  
pelo éter, Goya,  
Picasso  
vestido de palhaço, Kavafis  
da Alexandria; outros dormiram  
como Heráclito estirados ao sol roncando  
lá das raízes, Sade, Bataille,

Breton mismo; Swedenborg, Artaud,  
Hölderlin saludaron con  
tristeza al público antes  
del concierto:

¿qué

hizo ahí Celan sangrando  
a esa hora  
contra los vidrios?

o próprio Breton; Swedenborg, Artaud,  
Hölderlin saudaram com  
tristeza o público antes  
do concerto:

o que

fez ali Celan sangrando  
naquela hora  
contra os vidros?

**Las sílabas**

Y cuando escribas no mires lo que escribas, piensa en el sol  
que arde y no ve y lame el Mundo con un agua  
de zafiro para que el ser  
sea y durmamos en el asombro  
sin el cual no hay tabla donde fluir, no hay pensamiento  
ni encantamiento de muchachas  
frescas desde la antigüedad de las orquídeas de donde  
vinieron las sílabas que saben más que la música, más, mucho  
más que el parto.

## **As sílabas**

E quando escrevas não olhes para o que escrevas, pensa no sol  
que arde e não vê e lambe o Mundo com uma água  
de zafira para que o ser  
seja e durmamos no assombro  
sem o qual não há lugar por onde fluir, não há pensamento  
nem encantamento das moças  
frescas desde a antiguidade das orquídeas de onde  
vieram as sílabas que sabem mais que a música, mais, muito  
mais que o parto.



## Ochenta veces nadie

¿Y?, rotación y  
traslación, ¿nos  
vemos  
el XXI? ¿Nos  
vamos o  
nos quedamos? Van 80,  
y qué.

De nariz  
van 80, de aire, de mujeres  
velocísimas que amé, olí, palpé, de  
mariposas maravillosas del Cáucaso irreal adonde  
no se llega tan fácilmente porque no hay Cáucaso irreal, de eso  
y nada van 80, de olfato  
de niñez corriendo Lebu abajo, los pies  
sangrientos rajados por el roquerío y el piedrerío, de eso, del  
carbón pariente del diamante, de las  
gaviotas libérrimas van  
80, del zumbido  
ronco del mar,  
de la diafanidad del mar.

Habrán viejos y viejos, unos  
vueltos hacia la decrepitud y otros  
hacia la lozanía, yo estoy  
por la lozanía, el cero  
uterino es cosa de los mayas, no hay cero  
ni huevo cósmico, lo que hay en este caso  
-y que se me entienda de una vez- es un ocho

## Oitenta vezes ninguém

E, rotação e  
translação, nos  
vemos  
no XXI? Vamos  
ou ficamos? Vão 80,  
e daí?

De nariz  
vão 80, de ar, de mulheres  
velocíssimas que amei, cheirei, apalpei,  
de mariposas maravilhosas do Cáucaso irreal onde  
não se chega tão facilmente porque não há Cáucaso irreal, disso  
e nada vão 80, de olfato  
de infância correndo rio Lebu abaixo, os pés  
sangrados rachados pelos rochedos e a pedraria, disso, do  
carvão parente do diamante, das  
gaiivotas libérrimas vão  
80, do zumbido  
rouco do mar,  
da diafaneidade do mar.

Haverá velhos e velhos, uns  
voltados para a decrepitude e outros  
para o frescor, eu estou  
pelo frescor, o zero  
uterino é coisa dos maias, não há zero  
nem ovo cósmico, o que há neste caso  
— e que se entenda de uma vez — é um oito

carnal y mortal con mis orejas de niño para oír el Mundo, un ocho  
intacto y pitagórico, mis hermanos  
paridos por mi madre fueron ocho, los pétalos  
del loto, la rosa de los vientos, lo innumerable  
de la Eternidad, mi primer salto al vacío  
desde el muelle de fierro contra el oleaje, ahí voy. Difícil  
ocho mío nadar con este viejo a costas.

Bueno, y si muero el cero ya es otra cosa  
y eso se verá si es que procede  
el mérito del resurrecto. La apuesta es ahora,  
ese ahora libertino cuando uno  
todavía echa semen sagrado en las muchachas, y  
no escarmienta, construye casas,  
palafitos airosos construye para desafiar al esqueleto, viaja,  
odia la televisión, vive solo  
en su casa larga de Chillán de Chile, unos setenta  
metros de nadie, cuida  
las rosas, acepta las espinas, se  
aparta al diálogo con su difunta, rema en el aire  
a lo galeote, como antes, todo en él es antes, el  
encantamiento es antes, el  
sol es antes, el amanecer,  
las galaxias son antes.

carnal e mortal com minhas orelhas de menino para ouvir o Mundo, um oito intacto e pitagórico, meus irmãos paridos pela minha mãe foram oito, as pétalas do lótus, a rosa dos ventos, o inumerável da Eternidade, meu primeiro salto ao vazio do cais de ferro contra as ondas, lá vou. Difícil meu oito nadar com este velho às costas.

Bem, e se morro o zero já é outra coisa e isso se verá se é que procede o mérito do ressuscitado. A aposta é agora, esse agora libertino quando a gente ainda jorra sêmen sagrado nas moças, e não escarmenta, constrói casas, palafitas airosas constrói para desafiar o esqueleto, viaja, odeia a televisão, vive sozinho em sua casa comprida de Chillán de Chile, uns setenta metros de ninguém, cuida das rosas, aceita os espinhos, se afasta no diálogo com a sua defunta, rema no ar feito galeote, como antes, tudo nele é antes, o encantamento é antes, o sol é antes, o amanhecer, as galáxias são antes.

Así las cosas, ¿nos entonces vemos  
el XXI? Los  
verdaderos poetas son de repente: nacen  
y desnacen en cuatro líneas, y  
nada de obras completas,  
otros  
entreleen a su Homero por ahí en inglés entre el ruido  
de los aeropuertos a falta de Ilión,  
Hölderlin  
fue el último que habló con los dioses,  
yo  
no puedo. El Hado  
no da para más pero hablando en confianza ¿quién  
da para más?, ¿el aquelarre  
de los nuevos brujos de la Física?, ¿el amor?, pero  
¿qué se ama cuando se ama?, ¿las estrellas?, pero ¿quiénes  
son las estrellas profanadas como están por las  
máquinas del villorrio?  
Lo  
irreparable es el hastío.

Assim andam as coisas, nos vemos então  
no XXI? Os  
verdadeiros poetas são de repente: nascem  
e desnascem em quatro linhas, e  
nada de obras completas,

outros

entreleem seu Homero por aí em inglês entre o ruído  
dos aeroportos na falta de Ílion,

Hölderlin

foi o último que falou com os deuses,

eu

não consigo. O destino  
não dá para mais, porém falando francamente, quem  
dá para mais? o conciliábulo  
dos novos bruxos da Física?, o amor? Mas  
o que se ama quando se ama?, as estrelas?, mas quem  
são as estrelas profanadas como estão pelas  
máquinas do vilarejo?

O

irreparável é o tédio.

**De qué más se te acusa Gonzalo Rojas**

- 1) De libertino y adivino, ciego por fuera pero no por dentro, de bazofia y más bazofia, de fibrosis pulmonar desde el 2003, pero el paisano no se queja.
- 2) De andar en los cien y seguir viviendo como un loco sin ser ningún Apollinaire.
- 3) De no dar nunca con el tono.
- 4) De mear contra el cielo, de escupir a Dios por escupir, que se me entienda bien, de quedarme llorando en ese internado el 27 toda la larga noche en los abismos.
- 5) De seguir escribiendo lo inescrible en esas máquinas de la picantería que se compran con tarjeta.
- 6) De olvidar el lápiz de leche y el cuaderno de copias.
- 7) De apeñado por los premios, yo no concursé.
- 8) De viudo inconsolable sin ninguna de las dos.
- 9) De no haber muerto a tiempo y seguir sangrando por la nariz.
- 10) De confiar en cuanto analfó anda por ahí en la maniobra de la publicidad vergonzosa.
- 11) De no haber nacido en México con todo el hambre de México que me sobra.

## **De que mais você é acusado, Gonzalo Rojas**

- 1) De libertino e adivinho, cego por fora porém não por dentro, de fanfarronice e mais fanfarronice, de fibrose pulmonar desde 2003, mas o camarada não se queixa.
- 2) De andar pelos cem e continuar vivendo feito um louco sem ser nenhum Apollinaire.
- 3) De não acertar o tom nunca.
- 4) De mijar contra o vento, de cuspir em Deus só por cuspir, que me entendam bem, de ficar chorando neste internato o 27 toda a longa noite nos abismos.
- 5) De continuar escrevendo o inescrevível nessas máquinas de grosserias que a gente compra com cartão.
- 6) De esquecer o lápis e o caderno de cópias.
- 7) De que farto de prêmios, já não concorri.
- 8) De viúvo inconsolável sem nenhuma das duas.
- 9) De não ter morrido a tempo e continuar sangrando pelo nariz.
- 10) De confiar em todo analfa que anda por aí na manobra da publicidade vergonhosa.
- 11) De não ter nascido no México, com toda a fome de México que sobra em mim.



- 12) De haber soltado los remos esa única vez, a la siga del suicidio para escándalo de las gaviotas, pero no salió el tiro.
- 13) De silbador de serpientes para ver si vienen las estrellas.
- 14) De no haber vuelto a besar a mis 5 hermanas que era todo lo que tenía, descontando al Jacinto y al Juan, remeros de lujo, qué se hizo el encanto.
- 15) De con arrimo y sin arrimo aguantar el huracán.
- 16) De no haberme encatrado con la Tsvetáieva, y ¡ésa sí que hubiera sido!
- 17) De en cambio seguir durmiendo a lo lagarto en mi mismo catre de alambre.
- 18) De nadar torrencial a los 18 y acuérdate y acuérdate.
- 19) De haber nacido heraclíteo con manchas de parmenídeo.
- 20) De no haber olfateado el corazón de no sé quién.
- 21) De dormir en pelotas por si se cumple en mí la resurrección.
- 22) De llegar desnudo a los diez mil y que se hunda el Mundo. De eso,
- 23) será que se me acusa.

- 12) De ter soltado os remos aquela única vez, indo atrás do suicídio para escândalo das gaivotas, mas o tiro não saiu.
- 13) De assoviador de serpentes para ver se as estrelas descem.
- 14) De não haver tornado a beijar minhas 5 irmãs que era tudo que tinha, descontando Jacinto e Juan, remadores de luxo, o que mordeu o encanto?
- 15) De com arrimo e sem arrimo aguentar o furacão.
- 16) De não ter me acamado com a Tsvetáieva, e essa sim que teria sido!
- 17) De em vez disso continuar dormindo feito lagarto em meu próprio catre de arame.
- 18) De nadar torrencial aos 18 e lembre-se e lembre-se.
- 19) De ter nascido heraclíteo com manchas de parmenídeo.
- 20) De não haver cheirado o coração de sei lá quem.
- 21) De dormir pelado porque vai que se cumpre em mim a ressurreição.
- 22) De chegar despido aos dez mil e que o Mundo afunde. Vai ver
- 23) é disso que me acusam.

**A veces pienso quién**

A veces pienso quién, quién estará viviendo ronco mi juventud  
con sus mismas espinas, liviano y vagabundo,  
nadando en el oleaje de las calles horribles, sin un cobre,  
remoto, y más flexible: con tres noches radiantes en las sienes  
y el olor de la hermosa todavía en el tacto.

Dónde andará, qué tablas le tocará dormir a su coraje,  
qué sopa devorar, cuál será su secreto  
para tener veinte años y cortar en sus llamas las páginas violentas.  
Porque el endemoniado repetirá también el mismo error  
y de él aprenderá, si se cumple en su mano la escritura.

### **Às vezes penso quem**

Às vezes penso quem, quem estará vivendo rouco a minha juventude  
com as mesmas espinhas, leve e vagabundo,  
nadando na maré das ruas horríveis, sem um tostão furado,  
remoto, e mais flexível: com três noites radiantes na frente  
e o perfume da bela ainda no tato?

Onde andará, em que tábuas será a vez dele fazer dormir sua coragem,  
que sopa devorar, qual será seu segredo  
para ter vinte anos e cortar em suas próprias chamas as páginas violentas?  
Porque o endiabrado também repetirá o mesmo erro  
e dele aprenderá, se em sua mão se cumprir a escrita.

## **Réquiem de la mariposa**

Sucio fue el día de la mariposa muerta.

Acerquémonos

a besar la hermosura reventada y sagrada de sus pétalos  
que iban volando libres, y esto es decirlo todo, cuando  
sopló la Arruga, y nada  
sino ese precipicio que de golpe,  
y únicamente nada.

Guárdela el pavimento salobre si la puede  
guardar, entre el aceite y el aullido  
de la rueda mortal.

O esto es un juego

que se parece a otro cuando nos echan tierra.  
Porque también la Arruga...

O no la guarde nadie. O no nos guarde  
larva, y salgamos dónde por último del miedo:  
a ver qué pasa, hermosa.

Tú que aun duermes ahí

en el lujo de tanta belleza, dinos cómo  
o, por lo menos, cuándo.

## Réquiem da borboleta

Sujo foi o dia da borboleta morta.

Vamos nos aproximar  
para beijar a formosura arrebatada e sagrada de suas pétalas  
que iam voando livres, e isto é dizer tudo, quando  
soprou a Parca, e nada  
a não ser esse precipício que de repente,  
e unicamente nada.

Que seja guardada pelo pavimento salobro, se é que se pode  
guardar, entre o óleo e o uivo  
da roda mortal.

Ou isto é um jogo  
que se parece a outro quando jogam terra em cima da gente.  
Porque também a Parca...

Ou ninguém guarde a borboleta. Ou não nos guarde  
larva, e a gente saia do medo por último:  
vamos ver o que acontece, formosa.

Tu que ainda dormes aí  
no luxo de tanta beleza, diga-nos como  
ou, pelo menos, quando.

**Al fondo de todo esto duerme un caballo**

Al fondo de todo esto duerme un caballo  
blanco, un viejo caballo  
largo de oído, estrecho de  
entendederas, preocupado  
por la situación, el pulso  
de la velocidad es la madre que lo habita: lo montan  
los niños como a un fantasma, lo escarnecen, y él duerme  
durmiendo parado ahí en la lluvia, lo  
oye todo mientras pinto estas once  
líneas. Facha de loco, sabe  
que es el rey.

### **Ao fundo de tudo isto dorme um cavalo**

Ao fundo de tudo isto dorme um cavalo  
branco, um velho cavalo  
comprido de ouvido, estreito de  
testa, preocupado  
pela situação, o pulso  
da velocidade é a mãe que o habita: montam nele  
as crianças como em um fantasma, debocham dele, e ele dorme  
dormindo de pé ali na chuva, ouve  
tudo enquanto pinto estas onze  
linhas. Cara de louco, sabe  
que é o rei.







**Flash**

Habrás visto tamaño cuerpo de rubia  
loca en ese bar de Pittsburg, un viernes  
de humo con fascinación, besando  
a todos los de la barra, el trasero  
vuelto hacia nosotros, hurlante  
la cabellera, viciosillo todo, el escote,  
el jazz  
viciosillo, el espejo,

las mamparas, el batidero interminable de las mamparas por  
donde entraban y salían los  
que salían y entraban cada segundo, maldito  
lo que importara la Eternidad a esa hora  
ahí aceitosa, pública, Armando  
diciendo lo suyo, Constance  
lo suyo, yo el voyeurista  
dele que dele con la rubia filósofa  
obscena que no ha olido nunca  
a Sócrates, mi mujer mirándome  
arder, la elegancia de su risa  
y el mar, el remolino del mar  
que está lejos con su oleaje  
blanco, ¿qué habrá sido  
de Apollinaire contra lo áspero  
de los arrecifes: habrá volado  
ese músico? Fogonazo  
de lo nuevo, ¿qué habrá sido  
de Apollinaire?

**Flash**

Onde é que já se viu tamanho corpo de loura  
louca nesse bar de Pittsburg numa sexta-feira  
de fumaça com fascinação, beijando  
todos que estão no balcão, o traseiro  
virado para nós, uivante  
a cabeleira, tudo assanhadinho, o decote,  
o jazz  
assanhadinho, o espelho,

as abas da porta, o bate-bate interminável da porta vaivém por  
onde entravam e saíam os  
que saíam e entravam a cada segundo, maldito  
o que trouxesse a Eternidade naquela hora  
azeitosa, pública, Armando  
dizendo suas coisas, Constance  
as suas, eu o voyeurista  
e dá-lhe que dá-lhe com a loura filósofa  
obscena que jamais cheirou  
Sócrates, minha mulher me vendo  
arder, a elegância do seu riso  
e o mar, o redemoinho do mar  
que está longe com seu ondear  
branco, o que terá sido  
de Apollinaire contra a aspereza  
dos recifes: terá esse músico  
voado? Fogaréu  
do novo, o que terá sido feito  
de Apollinaire?

## **Victrola vieja**

No confundir las moscas con las estrellas:  
oh la vieja victrola de los sofistas.  
Maten, maten poetas para estudiarlos.  
Coman, sigan comiendo bibliografía.

Libros y libros, libros hasta las nubes,  
pero la poesía se escribe sola.  
Se escribe con los dientes, con el peligro,  
con la verdad terrible de cada cosa.

No hay proceso que valga, ni teoría,  
para parar el tiempo que nos arrasa.  
Vuela y vuela el planeta, y el muerto inmóvil,  
¡y únicamente el viento de la Palabra!

Qué te parece el disco de los infusos:  
páginas y más páginas de cemento.  
Que entren con sus guitarras los profesores  
y el originalista de quince dedos.

Ése que tiene el récord y anda que te anda  
descubriendo el principio de los principios.  
El alfabeto mismo le queda corto  
para decir lo mismo que estaba dicho.

## Vitrola velha

Não confundir as moscas com as estrelas  
oh a velha vitrola dos sofistas.  
Matem, matem poetas para estudá-los.  
Comam, continuem comendo bibliografia.

Livros e livros, livros até as nuvens,  
mas a poesia se escreve sozinha.  
Ela se escreve com os dentes, com o perigo,  
com a verdade terrível de cada coisa.

Não há processo que valha, nem teoria,  
para parar o tempo que nos arrasa.  
Voa e voa o planeta, e o morto imóvel,  
e unicamente o vento da Palavra!

O que você acha do disco dos infusos?:  
páginas e mais páginas de cimento.  
Que entrem com suas violas os professores  
e o originalista de quinze dedos.

Esse, que tem o recorde e anda que anda  
descobrimdo o princípio dos princípios.  
Para ele o próprio alfabeto acaba sendo curto  
para dizer o que já estava dito.

Y al que le venga el cuero que se lo ponga  
antes que lo dejemos feo y desnudo.  
Bajarse del caballo. La cosa empieza  
por el ser más abstracto. O el más abstruso.

Déle con los estratos y la estructura  
cuando el mar se demuestra pero nadando.  
Siempre vendrán de vuelta sin haber ido  
nunca a ninguna parte los doctorados.

Y eso que vuelan gratis: tanto prestigio,  
tanto arrogante junto, tanto congreso.  
Revistas y revistas y majestades  
cuando los eruditos ponen un huevo.

Ponen un huevo hueco tan husserliano,  
tan sibilamente heideggeriano,  
que, exhaustivos y todo, los hermeneutas  
dejan el laberinto más enredado.

Paren, paren la música de esta prosa:  
vieja la vieja trampa de los sofistas.  
A los enmascarados y enmascarantes  
este cauterio rojo de poesía.

E quem tiver couro que vista esse couro  
antes que o deixemos feio e nu.  
Descer do cavalo. A coisa começa  
pelo ser mais abstrato. Ou o mais abstruso.

E dá-lhe com os estratos e a estrutura  
quando o mar se demonstra, mas nadando.  
Sempre virão de volta sem ter ido  
nunca a nenhum lugar os doutorados.

E isso que voam grátis: tamanho prestígio,  
tanto arrogante ajuntado, tanto congresso.  
Revistas e revistas e majestades  
quando os eruditos põem um ovo.

Põem um ovo oco tão husserliano,  
tão sibilamente heideggeriano,  
que, exaustivos e tudo, os hermeneutas  
deixam o labirinto ainda mais enredado.

Parem, parem a música desta prosa:  
velha a velha armadilha dos sofistas.  
Aos mascarados e mascarantes  
este cautério vermelho de poesia.



**Uno escribe en el viento**

Que por qué, que hasta cuándo, que si voy a dormir noventa meses,  
que moriré sin obra, que el mar se habrá perdido.  
Pero yo soy el mar, y no me llamo arruga  
ni volumen de nada.

Crezco y crezco en el árbol que va a volar. No hay libro  
para escribir el sol. ¿Y la sangre? Trabajo  
será que me encuadernen el animal. Poeta  
de un tiro: guerrillero.

Me acuerdo, tú te acuerdas, todos nos acordamos  
de la galaxia ciega desde donde vinimos  
con esta luz tan pobre a ver el mundo.  
Vinimos, y eso es todo.

Tanto para eso, madre, pero entramos llorando,  
pero entramos llorando al laberinto  
como si nos cortaran el origen. Después  
el carácter, la guerra.

El ojo no podría ver el sol  
si él mismo no lo fuera. Cosmonautas, avisen  
si es verdad esa estrella, o es también escritura  
de la farsa.

## Escrevo no vento

Que por quê, que até quando, que se vou dormir noventa meses,  
que morrerei sem obra, que o mar terá se perdido.  
Mas eu sou o mar, e não me chamo ondulação  
nem volume de nada.

Cresco e cresço na árvore que vai voar. Não há livro  
para escrever o sol. E o sangue? Trabalho  
vai dar para que encadernem este bicho aqui. Poeta  
de um tiro: guerrilheiro.

Eu lembro, você lembra, todos nós lembramos  
da galáxia cega de onde viemos  
com esta luz tão pobre para ver o mundo.  
Viemos, e isso é tudo.

Tudo isso para isso, mãe, mas entramos chorando,  
mas entramos chorando no labirinto  
como se cortassem nossa origem. Depois  
o caráter, a guerra.

O olho não poderia ver o sol  
se ele mesmo não fosse o sol. Cosmonautas, avisem  
se é verdade essa estrela, ou se é também prova  
da farsa.

Uno escribe en el viento: ¿para qué las palabras?  
Árbol, árbol oscuro. El mar arroja lejos  
a los pescados muertos. Que lean a los otros.  
A mí con mis raíces.

Con mi pueblo de pobres. Me imagino a mi padre  
colgado de mis pies y a mi abuelo colgado  
de los pies de mi padre. Porque el minero es uno,  
y además venceremos.

Venceremos. El mundo se hace con sangre. Iremos  
con las tablas al hombro, y el fusil. Una casa  
para América hermosa. Una casa, una casa.  
Todos somos obreros.

América es la casa: ¿dónde la nebulosa?  
Me doy vueltas y vueltas en mi viejo individuo  
para nacer. Ni estrella ni madre que me alumbre  
lúgubrementemente solo.

Mortal, mortuorio río. Pasa y pasa el color,  
sangra y sangra mi pueblo, corre y corre el sentido.  
Pero el dinero pudre con su peste las aguas.  
Cambiar, cambiar el mundo.

O dormir en el átomo que hará saltar el aire en cien mil víboras  
cráter de las ciudades bellamente viciosas.  
Cementerio volante: ¿dónde la realidad?  
Hubo una vez un niño.

Escrevo no vento: para quê as palavras?  
Árvore, árvore escura. O mar arroja longe  
os peixes mortos. Que leiam o que escrevem os outros.  
Eu, com minhas raízes.

Com meu povo de pobres. Eu imagino meu pai  
pendurado nos meus pés e meu avô pendurado  
nos pés do meu pai. Porque o mineiro é um,  
e além disso venceremos.

Venceremos. O mundo se faz com sangue. Iremos  
com as tábuas ao ombro, e o fuzil. Uma casa  
para a formosa América. Uma casa, uma casa.  
Somos todos peões.

A América é a casa: onde a nebulosa?  
Eu dou voltas e voltas em meu velho indivíduo  
para nascer. Nem estrela nem mãe que me alumie  
lugubrememente sozinho.

Mortal, mortuário rio. Passa e passa a cor,  
sangra e sangra meu povo, corre e corre o sentido.  
Mas o dinheiro apodrece as águas com sua peste.  
Mudar, mudar o mundo.

Ou dormir no átomo que fará saltar o ar em cem mil víboras  
cratera das cidades belamente viciosas.  
Cemitério voador: onde a realidade?  
Houve uma vez uma criança.

### Tres rosas amarillas

1)¿Sabes cómo escribo cuando escribo? Remo  
en el aire, cierro  
las cortinas del cráneo-mundo, remo  
párrafo tras párrafo, repito el número  
XXI por egipcio, a ver  
si llego ahí cantando, los pies alzados  
hacia las estrellas,

2)del aire corto  
tres rosas amarillas bellísimas, vibro  
en esa transfusión, entro  
águila en la mujer, serpiente y águila,  
paloma y serpiente por no hablar  
de otros animales aéreos que salen de ella: hermosura,  
piel, costado, locura,

3)señal  
gozosa asiria mía que lloverá  
le digo a la sábana  
blanca de la página, fijo  
que lloverá,

Dios mismo  
que lo sabía lo hizo en siete.

Aquí empieza entonces la otra figura del agua.

## Três rosas amarelas

1) Sabes como escrevo quando escrevo? Remo  
no ar, fecho  
as cortinas do crânio-mundo, remo  
parágrafo após parágrafo, repito o número  
XXI por ser egípcio, para ver  
se chego lá cantando, os pés alçados  
rumo às estrelas,

2) do ar corto  
três rosas amarelas belíssimas, vibro  
nessa transfusão, entro  
águia na mulher, serpente e águia,  
pomba e serpente para não falar  
de outros animais aéreos que saem dela: formosura,  
pele, flanco, loucura,

3) sinal  
gozosa assíria minha de que choverá  
digo ao lençol  
branco da página, com certeza  
choverá,  
o próprio Deus  
que sabia disso o fez em sete.

Aqui começa então a outra figura da água.

**Tabla de aire**

Consideremos que la imaginación fuera una invención  
como lo es, que esta gran casa de aire  
llamada Tierra fuera una invención, que este espejo quebradizo  
y salobre ideado a nuestra imagen y semejanza llegara  
más lejos y fuera la  
invención de la invención, que mi madre  
muerta y sagrada fuera una invención rodeada de lirios,  
que cuanta agua  
anda en los océanos y discurre  
secreta desde la honda  
y bellísima materia vertiente fuera una invención,  
que la respiración más que sogas y asfixia fuera  
una invención, que el cine y todas las estrellas, que la música,  
que el coraje y el martirio, que la Revolución  
fuera una invención, que esta misma  
tabla de aire en la que escribo no fuera sino invención  
y escribiera sola estas palabras.

**Madeira de ar**

Consideremos que a imaginação fosse uma invenção  
como de fato é, que esta grande casa de ar  
chamada Terra fosse uma invenção, que este espelho quebradiço  
e salobro criado à nossa imagem e semelhança chegasse  
mais longe e fosse  
a invenção da invenção, que minha mãe  
morta e sagrada fosse uma invenção rodeada de lírios,  
que toda a água  
anda em oceanos e flui  
secreta desde a funda  
e belíssima matéria vertente fosse uma invenção,  
que a respiração mais que corda e asfixia fosse  
uma invenção, que o cinema e todas as estrelas, que a música,  
que a coragem e o martírio, que a Revolução  
fosse uma invenção, que esta mesma  
madeira de ar em que escrevo não fosse mais que invenção  
e escrevesse sozinha estas palavras.



## Éxtasis del zapato

¿De dónde habrá salido este zapato  
de mujer, enterrado vivo  
entre el cerezo y el espectáculo  
del cerezo?

Alguna vez hubo  
uñas de diamante ahí de un pie  
libertino en diálogo  
con el otro  
del que no hay noticia.

Ocioso  
ahora duerme su desamparo en el pasto  
a medio fulgor, mezcla  
de altivez y  
lástima: todo tan lejos. Lo  
arqueológico, lo  
arterial del arco, el tacón,  
¡y esa música!

## Êxtase do sapato

De onde terá saído este sapato  
de mulher, enterrado vivo  
entre a cerejeira e o espetáculo  
da cerejeira?

Aí houve alguma vez  
unhas de diamante em um pé  
libertino em diálogo  
com o outro  
do qual não há notícia.

Ocioso  
agora dorme seu desamparo no capim  
a meio fulgor, mescla  
de altivez e  
lástima: tudo tão longe. O  
arqueológico, o  
arterial do arco, o salto,  
e essa música!

**Ejercicio respiratorio**

Azar

con balbuceo son las líneas de Ilión  
en las que está escrito el Mundo, con  
balbuceo y tartamudeo y  
asfixia, el oleaje  
de las barcas exige ritmo, Homero  
vio a Dios.

## **Exercício respiratório**

Acaso

com balbuciar são as linhas de Ílion  
em que está escrito o Mundo, com  
balbuciar e gaguejar e  
asfixia, o ondular  
das barcas exige ritmo, Homero  
viu Deus.

## No le copien a Pound

No le copien a Pound, no le copien al copión maravilloso  
de Ezra, déjenlo que escriba su misa en persa, en cairo-arameo, en sánscrito,  
con su chino a medio aprender, su griego translúcido  
de diccionario, su latín de hojarasca, su libérrimo  
Mediterráneo borroso, nonagenario el artificio  
de hacer y rehacer hasta llegar a tientas al gran palimpsesto de lo Uno;  
no lo juzguen por la dispersión: había que juntar los átomos,  
tejerlos así, de lo visible a lo invisible, en la urdimbre de lo fugaz  
y las cuerdas inmóviles; déjenlo suelto  
con su ceguera para ver, para ver otra vez, porque el verbo es ése: ver,  
y ése el Espíritu, lo inacabado  
y lo ardiente, lo que de veras amamos  
y nos ama, si es que somos Hijo de Hombre  
y de Mujer, lo innumerable al fondo de lo innombrable;  
no, nuevos semidioses  
del lenguaje sin Logos, de la histeria, aprendices  
del portento original, no le roben la sombra  
al sol, piensen en el cántico  
que se abre cuando se cierra como la germinación, háganse aire,  
aire-hombre como el viejo Ez, que anduvo siempre en el peligro, salten intrépidos  
de las vocales a las estrellas, tenso el arco  
de la contradicción en todas las velocidades de lo posible, aire y más aire  
para hoy y para siempre, antes  
y después de lo purpúreo  
del estallido  
simultáneo, instantáneo  
de la rotación, porque este mundo parpadeante sangrará,





saltará do seu eixo mortal, e adeus ubérrimas  
tradições de luz e mármore, e arrogância; riam de Ezra  
e suas rugas, riam de agora até então, mas não o saqueiem; riam levianas  
gerações que vão e vêm como o pó, pululação  
de letrados, riam, riam de Pound  
com sua Torre de Babel nas costas como um aviso do outro  
que veio em sua língua:

cântico,  
homens de pouca fé, pensem no cântico.



**Por Vallejo**

Ya todo estaba escrito cuando Vallejo dijo: — Todavía.  
Y le arrancó esta pluma al viejo cóndor  
del énfasis. El tiempo es todavía,  
la rosa es todavía y aunque pase el verano, y las estrellas  
de todos los veranos, el hombre es todavía.

Nada pasó. Pero alguien que se llamaba César en peruano  
y en piedra más que piedra, dio en la cumbre  
del oxígeno hermoso. Las raíces  
lo siguieron sangrientas cada día más lúcido. Lo fueron  
secando, y ni París pudo salvarle el hueso. Ni el martirio.

Ninguno fue tan hondo por las médulas vivas del origen  
ni nos habló en la música que decimos América  
porque éste únicamente sacó el ser de la piedra más oscura  
cuando nos vio la suerte debajo de las olas  
en el vacío de la mano.

Cada cual su Vallejo doloroso y gozoso.

No en París

donde lloré por su alma, no en la nube violenta  
que me dio a diez mil metros la certeza terrestre de su rostro  
sobre la nieve libre, sino en esto  
de respirar la espina mortal, estoy seguro  
del que baja y me dice: — Todavía.

## Por Vallejo

Tudo já estava escrito quando Vallejo disse: — Ainda.  
E arrancou esta pluma do velho condor  
da ênfase. O tempo é ainda,  
a rosa é ainda e mesmo que passe o verão, e as estrelas  
de todos os verões, o homem é ainda.

Nada aconteceu. Mas alguém que se chamava Cesar em peruano  
e em pedra mais que pedra, deu no topo  
do oxigênio formoso. As raízes  
o seguiram sangrentas cada dia mais lúcido. E o foram  
secando, e nem Paris conseguiu salvar seu osso. Nem o martírio.

Ninguém foi tão fundo pelas medulas vivas da origem  
nem nos falou na música que dizemos América  
porque ele unicamente tirou o ser da pedra mais escura  
quando viu nossa sorte debaixo das ondas  
no vazio da mão.

Cada qual com seu Vallejo doloroso e gozoso.

Não em Paris

onde chorei por sua alma, não na nuvem violenta  
que me deu a dez mil metros a certeza terrestre do seu rosto  
sobre a neve livre, mas nisto  
de respirar a espinha mortal, tenho certeza  
do que desce e me diz: — Ainda.

### **Una vez el azar se llamó Jorge Cáceres**

Una vez el azar se llamó Jorge Cáceres  
y erró veinticinco años por la tierra,  
tuvo dos ojos lúcidos y una oscura mirada,  
y dos veloces pies, y una sabiduría,  
pero anduvo tan lejos, tan libremente lejos  
que nadie vio su rostro.

Pudo ser un volcán, pero fue Jorge Cáceres  
esta médula viva,  
esta prisa, esta gracia, esta llama preciosa,  
este animal purísimo que corrió por sus venas  
cortos días, que entraron y salieron de golpe  
desde su corazón, al llegar al oasis  
de la asfixia.

Ahora está en la luz y en la velocidad  
y su alma es una mosca que zumba en las orejas  
de los recién nacidos:  
—¿Por qué lloráis? Vivid.  
Respirad vuestro oxígeno.

## **Uma vez o acaso se chamou Jorge Cáceres**

Uma vez o acaso se chamou Jorge Cáceres  
e errou vinte e cinco anos pela terra,  
teve dois olhos lúcidos e um olhar escuro,  
e dois pés velozes, e uma sabedoria,  
mas andou tão longe, tão livremente longe  
que ninguém viu seu rosto.

Pôde ser um vulcão, mas foi Jorge Cáceres  
esta medula viva,  
esta pressa, esta graça, esta chama preciosa,  
este animal puríssimo que correu por suas veias  
curtos dias, que entraram e saíram de repente  
do seu coração, ao chegar ao oásis  
da asfixia.

Agora está na luz e na velocidade  
e sua alma é uma mosca que zumbe nas orelhas  
dos recém-nascidos:  
— Por que choram? Vivam.  
Respirem vosso oxigênio.

**La palabra**

Un aire, un aire, un aire,  
un aire,  
un aire nuevo :

no para respirarlo  
sino para vivirlo.

## **A palavra**

Um ar, um ar, um ar,  
um ar,  
um ar novo:

não para ser respirado,  
mas para ser vivido.

## Memoria de Joan Crawford

Me puse a ver la foto de la Crawford, esa sensuala  
de mi adolescencia, a palparla  
verde, a olfatearla, a vigilar  
ángulo a ángulo el formato del prodigio  
que volaba de ella, las dos cejas de  
pájara encima de esos diamantes azules, el  
aleteo de la nariz, la pintura del beso, el vicio  
concupiscente de esa boca, el fulgor  
de ese hueso áureo que cerraba el lujo del  
mentón, y por exagerar a  
mi vampira me puse a llamarla en el abismo  
como en ese cine ciego a los dieciséis cuando no había nadie en la gran sala  
del Mundo  
sino ella y ella en la fascinación  
del fósforo y yo el  
despedazado en la butaca de algún domingo; me  
puse a verla bailar, a fumar el humo de *Possessed* el 33, a enjugar  
el sollozo de *Letty Lynton*.

Cuesta

volver a los grandes días inmóviles, habrá  
otras, ninguna  
de memoria tan tersa.

## Memória de Joan Crawford

Eu me pus a ver a foto da Crawford, essa sensuala da minha adolescência, a apalpá-la assanhado, a cheirá-la, a vigiar ângulo a ângulo o formato do prodígio que voava sobre ela, as duas sobrelhas de pássaro acima daqueles diamantes azuis, o revoar do nariz, a pintura do beijo, o vício concupiscente daquela boca, o fulgor daquele osso áureo que fechava o luxo do queixo, e por exagerar a minha vampira me pus a chamá-la no abismo como naquele cinema cego aos dezesseis quando não havia ninguém na grande sala do Mundo a não ser ela e ela na fascinação do fósforo e eu o despedaçado na poltrona de algum domingo; me pus a vê-la dançar, a fumar a fumaça de *Possessed* o 33, a enxugar o soluço de *Letty Lynton*.

Custa

voltar aos grandes dias imóveis, haverá outras, nenhuma de memória tão tersa.



**e-mail para violín**

Ve z que te veo, vez que lloro de ti.

Otras veces me alimento de tus pestañas  
y entro en tu luz. Se es hombremente hombre  
en la medida de enloquecer  
los animales, todos los animales que es uno,  
especialmente uno que es su cuerpo.

Así las cosas, me hago vidrio hasta más allá de la transparencia,  
[ahí mismo  
te trizo, empiezo para verte por lo  
raquídeo de tu esbeltez, sigo por lo alto  
desde la nuca de tu pelo hasta la humedad. Ahí duermo,  
beso tus pies de animala trémula.

Van 15 versos, ¿qué hago con estos 15 versos?  
¿Los guardo para después?  
¿Los tiro al aire contra las estrellas?  
Pienso y pienso, Dios no da para más; el juego de Él  
no da para más.

E-mail, e-mail de viejo, ala libérrima, escíbeme esta noche  
a las tres de nunca, pasadas las aguas  
de la era de los muertos, Llámame para confirmar lo diáfano del teclado.

Ve z que vengo, vez que lloro de ti.

## **e-mail para violino**

Veze que te vejo, veze que choro de ti.

Outras vezes me alimento de tuas pestanas  
e entro em tua luz. Se é homemmente homem  
na medida de enlouquecer  
os animais, todos os animais que sou,  
especialmente o animal que é o meu corpo.

E assim, me faço de vidro até ir além da transparência,  
ali mesmo  
te trinco, começo por ver-te pela  
medula da tua esbelteza, sigo pelo alto  
da nuca dos teus cabelos até a umidade. E lá durmo,  
beijo teus pés de animala trêmula.

Vão 15 versos, o que faço com estes 15 versos?  
Guardo para depois?  
Os lanço no ar contra as estrelas?  
Penso e penso, Deus já não adianta; o jogo Dele  
já não adianta.

E-mail, e-mail de velho, asa libérrima, escreva-me esta noite  
às três de nunca, passadas as águas  
da era dos mortos, chama-me para confirmar o diáfano do teclado.

Veze que venho, veze que choro de ti.

## **Costillas, rejas del corazón**

Costillas, rejas del corazón, ¿no  
será tiempo de apostar el laúd  
a otro diafragma?

¿A un diafragma por ejemplo sacro  
y músico a la vez en tiempo de jazz que vuela  
como aeroplano y no como ataúd, acróbata y  
encendido, tan liviano  
como un ángel pero más terrestre, con  
otro argumento menos clínico?

Pero, ay, cuánta flaqueza cuesta, costillas, desencarnar  
hombre de uno, pensamiento  
de uno, cortar el grifo.

Admitamos con  
todo el sinsentido del descaro: 70  
son las aves que vuelan a las galaxias, 70 las  
circunvoluciones de Bach, 70 los hemisferios  
de Heráclito, ¿y ustedes?, entonces, ¿quiénes  
son ustedes? Estaba  
pensando en lo peligroso, de repente  
estaba pensando en lo peligroso.

## **Costelas, grades do coração**

Costelas, grades do coração, não  
será tempo de ajustar o alaúde  
em outro diafragma?

Um diafragma por exemplo sacro  
e ao mesmo tempo músico em tempo de jazz que voe  
feito aeroplano e não como ataúde, acrobata e  
ardente, leve  
feito um anjo porém mais terrestre, com  
outro argumento menos clínico?

Mas, ai, quanta magreza custa, costelas, desencarnar  
o homem de mim, pensamento  
de mim, cortar o grilhão?

Admitamos com  
todo o sem-sentido do descaro: 70  
são as aves que voam para as galáxias, 70 as  
circunvoluções de Bach, 70 os hemisférios  
de Heráclito, e vocês? então, quem  
são vocês? Estava  
pensando no perigoso, de repente  
estava pensando no perigoso.

**Desocupado lector**

Cumplo con informar a usted que últimamente todo es herida: la muchacha es herida, el olor a su hermosura es herida, las grandes aves negras, la inmediatez de lo real y lo irreal tramados en el fulgor de un mismo espejo gemidor es herida, el siete, el tres, todo, cualquiera de estos números de la danza es herida, la barca del encantamiento con Maimónides al timón es herida, aquel diciembre 20 que me cortaron de mi madre es herida, el sol es herida, Nuestro Señor sentado ahí entre los mendigos con esa túnica irreconocible por el cauterio del psicoanálisis es herida, el Quijote a secas es herida, el ventarrón abierto del Golfo contra la roca alta es herida, serpiente horadante del Principio, mar y más mar de un lado a otro, Kierkegaard y más Kierkegaard, taladro y por añadidura herida; la preñez en cuanto preñez en la preciosidad de su copa es herida, el ocio del viejo río intacto donde duermen inmóviles los mismos peces velocísimos es herida, la Poesía grabada a fuego en los microsurcos de mi cerebro de niño es herida, el hueco de 1.67 justo en metros de rey es herida, el éxtasis

**Desocupado leitor**

Devo informar ao senhor que ultimamente tudo é ferida: a moça é ferida, o cheiro de sua formosura é ferida, as grandes aves negras, a imediata do real e do irreal tramados no fulgor de um mesmo espelho gemedor é ferida, o sete, o três, tudo, qualquer desses números da dança é ferida, a barca do encantamento com Maimônides ao timão é ferida, aquele dezembro 20 em que me cortaram de minha mãe é ferida, o sol é ferida, Nosso Senhor sentado ali entre os mendigos com essa túnica irreconhecível pelo cautério da psicanálise é ferida, o Quixote a seco é ferida, o vendaval aberto do Golfo contra a rocha alta é ferida, serpente perfurante do Princípio, mar e mais mar de um lado a outro, Kierkegaard e mais Kierkegaard, broca e como consequência ferida; a prenhes como prenhes na preciosidade da sua taça é ferida, o ócio do velho rio intacto onde dormem imóveis os mesmos peixes velocíssimos é ferida, a Poesia gravada a fogo nos microsulcos do meu cérebro de menino é ferida, o vazio de 1.67 exato em metros de rei é ferida, o êxtase

de estar aquí hablando solo en lo bellissimo de este pensamiento de  
nieve es  
herida, la evaporación  
de la fecha de mármol con el padre adentro  
bajo los claveles es  
herida, el carrusel  
pintarrajeado que fluye y fluye como otro río de polvo y  
otras  
máscaras  
que vi en Pekín colgando de la vieja calle de Cha-Ta-lá  
cuya identidad comercial de 2500 años de droga y ataúdes rientes  
no se discute, es  
herida; la cama en fin  
que allí compré, con dos espejos para navegar, es herida,  
la  
perversión  
de la palabra nadie que sopla desde las galaxias es herida, el Mundo  
antes y después de los Urales es  
herida, la hilera  
de líneas sin ocurrencia de esta visión  
sin resurrección es herida. Cumpló  
entonces con informar a usted que últimamente todo es herida.

de estar aqui falando sozinho no belíssimo deste pensamento de  
neve é  
ferida, a evaporação  
da data de mármore com o pai lá dentro  
debaixo dos cravos é  
ferida, o carrossel  
borrado que flui e flui como outro rio de pó e  
outras  
máscaras  
que vi em Pequim dependurada na velha rua de Cha-Ta-lá  
cuja identidade comercial de 2.500 anos de droga e ataúdes ridentes  
não se discute, é  
ferida; a cama enfim  
que comprei lá, com dois espelhos para navegar, é ferida  
a  
perversão  
da palavra ninguém que sopra das galáxias é ferida, o Mundo  
antes e depois dos Urais é  
ferida, a fileira  
de linhas sem outra coisa além desta visão  
sem ressurreição é ferida. Devo  
então informar ao senhor que ultimamente tudo é ferida.



**Para órgano**

Tan bien que estaba entrando en la escritura de mi Dios  
esta mano, el telar secreto, y yo dejándola  
ir, dejándola  
sin más que urdiera el punto del ritmo, que tocara y tocara  
el cielo en su música como cuando las nubes huyen solas  
en su impulso abierto arriba, de un sur  
a otro, porque todo es sur en el mundo, las estrellas  
que no vemos y las que vemos, fascinación  
y cerrazón, dalia y más dalia  
de tinta.

Tan bien que iba el ejercicio para que durara, los huesecillos  
móviles, tensa  
la tensión, segura  
la partitura de la videncia como cuando uno  
nace y está todo ahí, de encantamiento  
en encantamiento, recién armado  
el juego, y es cosa  
de correr para verla y olfatearla  
fresca a la eternidad en esos metros  
de seda y alambre, nuestra pobrecilla  
niñez que somos y seremos; hebra  
de granizo blanco en los vidrios, Lebu abajo  
por el Golfo y la ululación, parco en lo parco  
hasta que abra limpio el día.

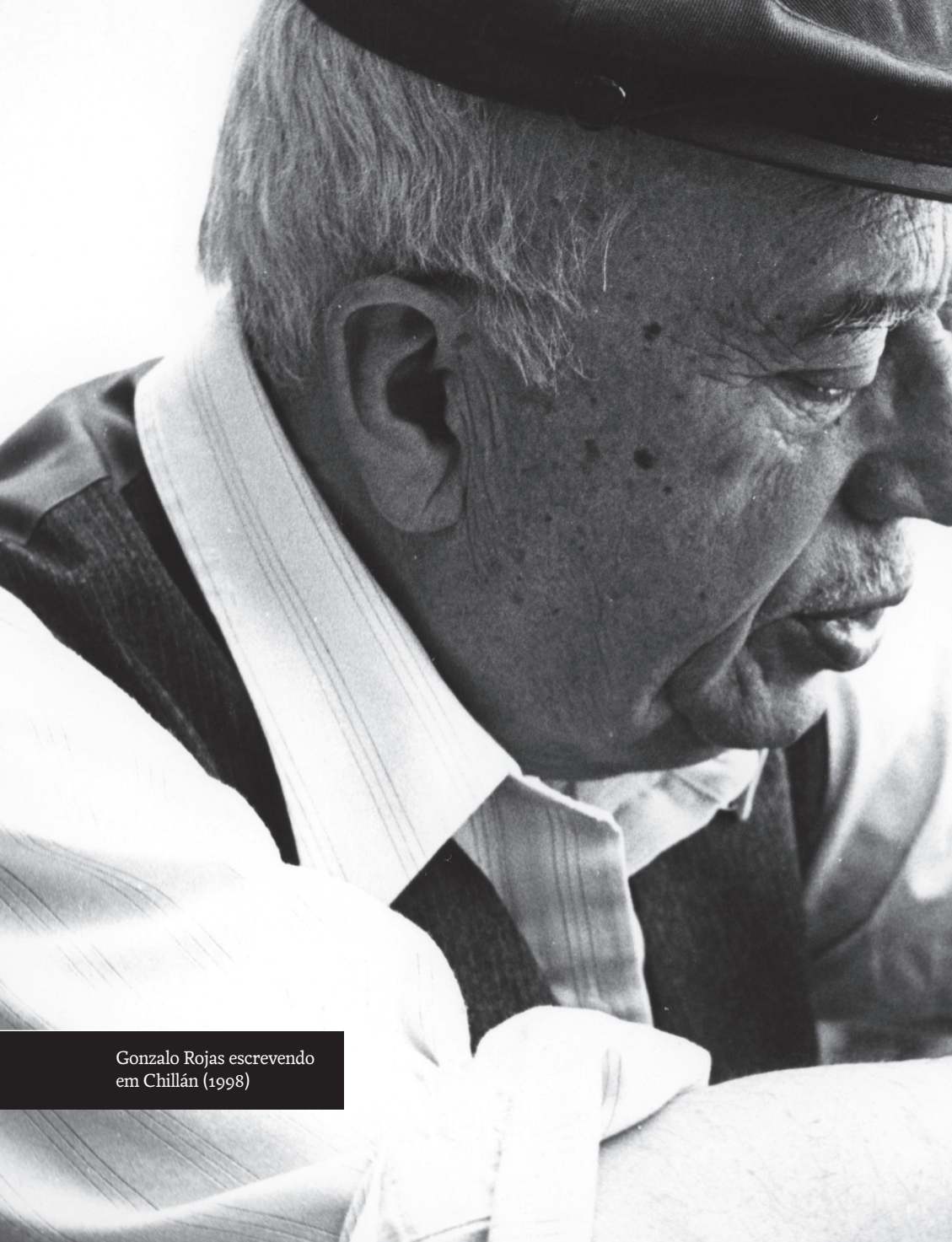
## Para órgão

Tão bem que estava entrando na escrita do meu Deus  
esta mão, o tear secreto, e eu deixando-a  
ir, deixando-a  
sem nada que urdisse o ponto do ritmo, que tocasse e tocasse  
o céu em sua música como quando as nuvens fogem sozinhas  
em seu impulso aberto lá em cima, de um sul  
a outro, porque tudo é sul no mundo, as estrelas  
que não vemos e as que vemos, fascinação  
e cerração, dália e mais dália  
de tinta.

Tão bem que ia o exercício para que durasse, os ossinhos  
móveis, tensa  
a tensão, segura  
a partitura da vidência como quando a gente  
nasce e está tudo ali, de encantamento  
em encantamento, recém-armado  
o jogo, e é coisa  
de correr para vê-la e cheirá-la  
fresca a eternidade nesses metros  
de seda e arame, nossa pobrezinha  
infância que somos e seremos, fiapo  
de granizo brando nos vidros, rio Lebu abaixo  
pelo Golfo e a ululação, parco no parco  
até que abra limpo o dia.

Tan bien todo que iba, los remos  
de la exactitud, el silencio con  
su gaviota velocísima, lo simultáneo  
de desnacer y de nacer en la maravilla  
de la aproximación a la ninguna costa  
que soy, cuando cortándose  
cortóse la mano en su transparencia de cinco  
virtudes áureas, cortóse en ella  
el trato de arteria y de luz; el ala  
cortóse en el vuelo, algún acorde que no sé  
de este oficio, algún adónde  
de este cuándo.

Tão bem ia tudo, os remos  
da exatidão, o silêncio  
com sua gaiivota velocíssima, o simultâneo  
de desnascido e de nascido na maravilha  
da aproximação ao litoral algum  
que sou, quando cortando-se  
cortou-se a mão em sua transparência de cinco  
virtudes áureas, cortou-se nela  
o acordo de artéria e de luz; a asa  
cortou-se no voo, algum acorde que não sei  
deste ofício, algum aonde  
deste quando.



Gonzalo Rojas escrevendo  
em Chillán (1998)



*Poemas manuscritos*

## ACORDE CLÁSICO

Nace de nadie ~~de nadie~~ el ritmo, lo echan desnudo y llorando  
 como el mar, lo mecen las estrellas, se adelgata  
 para pasar por el latido precioso  
 de la sangre, fluye, fulgura  
 en el mármol de las muchachas, sube  
 en la majestad de los templos, arde en el número  
 aciago de las agujas, dice noviembre  
 detrás de las cortinas, parpadea  
 en esta página

[OSCURO, Caracas  
 - Venezuela, 1977]

## ¿QUÉ SE AMA CUANDO SE AMA?

¿Qué se ama cuando se ama, mi Dios: la luz terrible de la vida o la luz de la muerte? ¿Qué se busca, qué se halla, qué es eso: amor? ¿Quién es? ¿La mujer con su hondura, sus rosas, sus  
este sol colorado que es mi sangre furiosa [volcanes? cuando entró en ella hasta las últimas raíces?

¿Todo es un gran juego, Dios mío, y no hay mujer ni hay hombre sino un solo cuerpo: el Tuyo, repartido en estrellas de hermosura, en partículas fugaces de eternidad visible?

Me muero en esto, oh Dios, en esta guerra de ir y venir entre ellas por las calles, de no poder amar trescientas a la vez porque estoy condenado siempre a una, a esa una, a esa única que me diste en el viejo paraíso

Gonzalo Rojas



## CARBÓN

Ves un río veloz brillar como un cuchillo, partir  
mi Lebu en dos mitades de zaguancia, lo escucho,  
lo huelo, lo acaricio, lo recorro en un beso de niño como entoces  
cuando el viento y la lluvia me mecían, lo siento  
como una arteria más entre mis sienes y mi almohada.

Es él. Está lloviendo.

Es él. Mi padre viene mojado. Es un olor  
a caballo mojado. Es Juan Antonio  
Rojas sobre un caballo atravesando un río.  
No hay novedad. La noche torrencial se derrumba  
como mina inundada, y un rayo la estremece.

Madre, ya va a llegar: abramos el portón,  
dame esa luti, yo quiero recibirlo  
antes que mis hermanos. Déjame que le lleve un buen vaso de vino  
para que se reponga, y me estreche en un beso,  
y me clave las púas de su barba.

Ahí viene el hombre, ahí viene  
embarrado, curabiado contra la desventura, furioso  
contra la explotación, muerto de hambre, allí viene  
debajo de su poncho de Castilla.

Ah minero inmortal, ésta es tu casa  
de roble que tú mismo construiste. Adelante:  
te he venido a esperar, yo soy el séptimo  
de tus hijos. No importa  
que hayan pasado tantas estrellas por el cielo de estos años,  
que hayamos enterrado a tu mujer en un terrible agosto  
porque tú y ella estáis multiplicados. No  
importa que la noche nos haya sido negra  
por igual a los dos.

-Pasa, no estés ahí  
mirándome sin verme debajo de la lluvia

[CONTRA LA MUERTE. Edi  
Universitaria. Stgo. Chil

## Transtierro

1.- Miro el aire en el aire, pasarán  
 estos años - cuántos de viento sucio  
 debajo del párpado cuántos  
 del exilio,

2.- comeré tierra  
 de la Tierra bajo las tablas  
 del cemento, me haré ojo,  
 oleaje me haré

3.- en la roca de la <sup>parado</sup> identidad, este  
 hueso y no otro me haré, esta  
 musical mía córnea

4.- por hueca.

Parto

soy, parto seré.  
 Parto, parto, parto.

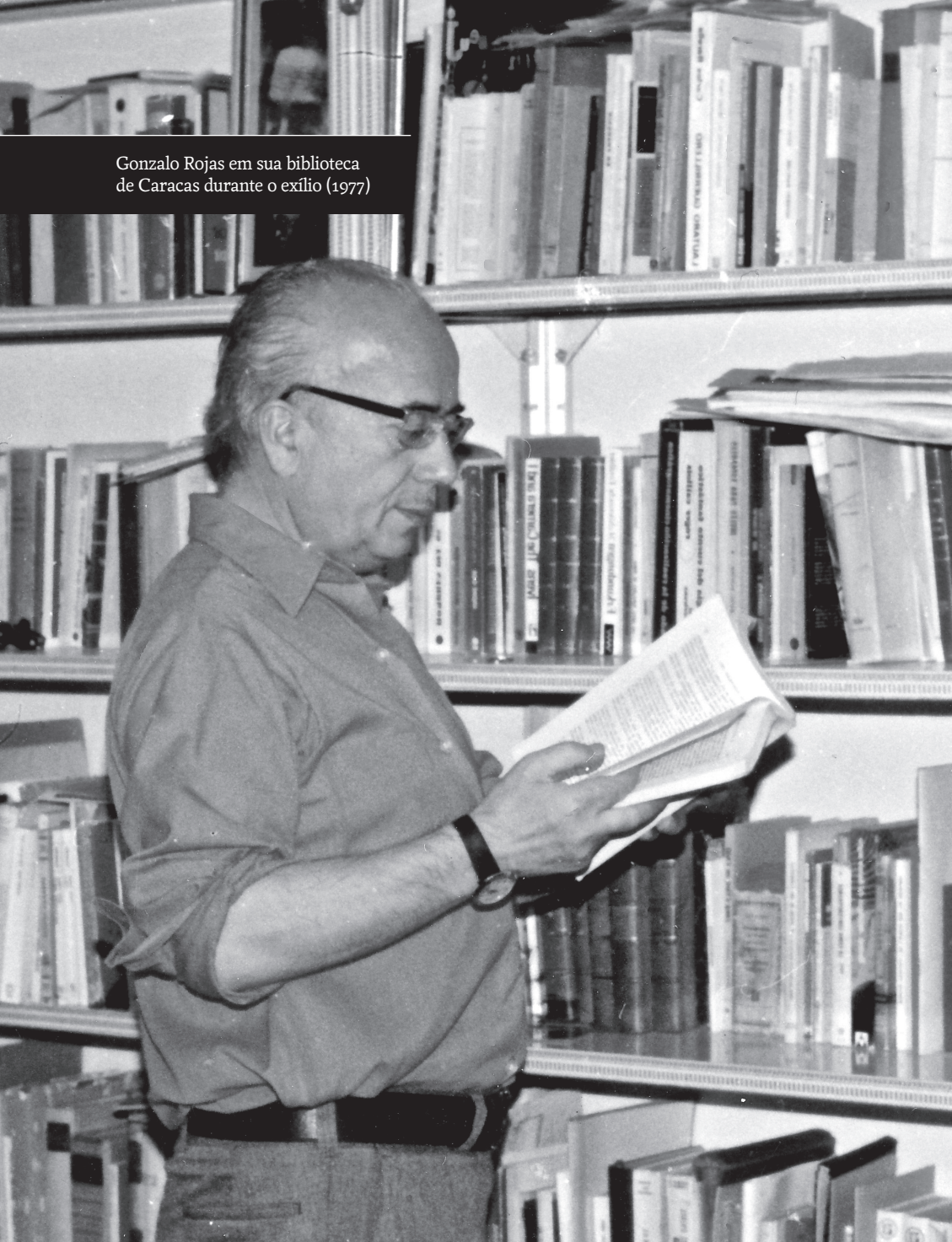
[CINCUENTA POEMAS,  
 Ganymedes. Stgo. Chile. 1982]



Gonzalo Rojas em Barcelona (2006)



Gonzalo Rojas em sua biblioteca  
de Caracas durante o exílio (1977)



## POSFÁCIO

### **Traduzindo um mestre de mestres, dom Gonzalo Rojas**

*Eric Nepomuceno*

Digo e repito que não sou um tradutor profissional: sou um escritor que traduz os amigos e, muito de quando em vez, livros que por alguma razão me instigam ou me atraem.

Por isso, entre os 81 livros que traduzi desde 1974 até chegar ao mestre absoluto, dom Gonzalo Rojas, há de obras essenciais da literatura a estranhezas, como um livro de receitas cubanas e uma novelinha pornô escrita por Pedro Almodóvar muito antes de se tornar cineasta, quando era funcionário da Telefónica naquela Madri enlouquecida dos primeiros tempos depois da morte de Francisco Franco, que se fazia chamar de “Generalíssimo da Espanha pela Graça de Deus”.

De poesia, porém, havia na minha lista um e apenas um livro: *Amor que serena, termina?*, de Juan Gelman, o argentino que foi um dos maiores poetas contemporâneo do idioma castelhano, um gigante entre gigantes. E, daquela vez, ousei entrar no terreno da poesia por uma razão essencialmente afetiva: queria que leitores brasileiros conhecessem a maravilha que era a palavra desse argentino que foi meu irmão da alma.

A razão de minha distância com a poesia tem um motivo básico. É que considero que, entre os que nos dedicamos ao ofício da palavra escrita, o poeta é o mais elevado de todos.

Considero, sem o menor vestígio de dúvida, que a poesia é a forma superior da literatura. O poema é o auge daquilo que se impregna em uma página em branco. Por isso mesmo, por respeito supremo, jamais — a não ser no caso daquela exceção afetiva — me atrevi nesse território sagrado.

Portanto, ao receber o convite para traduzir esta coletânea de poemas de dom Gonzalo Rojas, meu primeiro impulso foi recusar. Delicada e cordialmente, mas recusar. E, para completar, tratava-se de um convite que trazia no bolso um agravante, o próprio poeta. Ou seja: a simples menção do nome do mestre provocou em mim medo, e em sua mais pura essência.

Na verdade, eu havia lido um generoso punhado de poemas esparsos de dom Gonzalo Rojas, o suficiente para medir sua dimensão sideral de poeta. A melodia de seus poemas, a harmonia e o andamento, a forma como tecia acordes dissonantes, tudo aquilo que é pura maravilha para ler, poemas belos, belíssimos, era ao mesmo tempo razão para me encher de medo só de pensar em traduzir.

Porque uma coisa é ler, e outra, bem diferente, traduzir.

Quem lê vê a paisagem. Quem traduz vê essa mesma paisagem, porém por dentro. Tem que conseguir fazer parte da paisagem, ingressar nela, e ao voltar, mostrar, no seu idioma, o que viu no idioma de quem escreveu. Tem que, ou tentar ao máximo, ser absolutamente fiel à paisagem que o acolheu e impregnou.

E a paisagem criada por dom Gonzalo é exuberante e trágica, bela e complexa, delicada e violenta, às vezes luminosa, às vezes puro breu, e muitas vezes é tudo isso ao mesmo tempo.

É a primeira vez que esse mestre de mestres tem um livro publicado no Brasil, em outra amostra da absurda distância em que nos colocamos em relação aos nossos vizinhos, aos homens que vêm das mesmas comarcas que conformam este vasto painel humano chamado de América Latina e do qual nós, brasileiros, resistimos a reconhecer que fazemos parte.

Foi um desafio iluminado e iluminador. Terminei a tarefa alumbrado.

Aceitei a tarefa por respeito à Universidade de Brasília, criada por meu amigo e mestre Darcy Ribeiro, e de cuja fundação meu pai, o físico Lauro Xavier Nepomuceno, participou. Por respeito à sua Editora.

E, enfim, pelos laços de amizade invulnerável que me unem, há mais de quatro décadas, a Jaime Gazmuri, o então embaixador que levou a cabo essa navegação destinada a chegar a bom porto, o melhor porto, que é o leitor.

Rio de Janeiro, abril de 2018



Este livro foi composto em Jauría e impresso no sistema *offset*, sobre papel pólen *soft* 80g/m<sup>2</sup>, com capa dura revestida em papel *couché* fosco 170 g/m<sup>2</sup>.